

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LEONARDO KRONBAUER ROVARIS

**OS EFEITOS DAS MUDANÇAS AMBIENTAIS PARA A SEGURANÇA
INTERNACIONAL NO ENTORNO DAS ÍNDIAS NOS SÉCULOS XIX E XXI**

Porto Alegre

2018

LEONARDO KRONBAUER ROVARIS

**OS EFEITOS DAS MUDANÇAS AMBIENTAIS PARA A SEGURANÇA
INTERNACIONAL NO ENTORNO DAS ÍNDIAS NOS SÉCULOS XIX E XXI**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Rovaris, Leonardo Kronbauer
Os Efeitos das Mudanças Ambientais para a Segurança
Internacional no Entorno do Índico nos Séculos XIX e
XXI / Leonardo Kronbauer Rovaris. -- 2018.
- f.
Orientador: José Miguel Quedi Martins.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Segurança. 2. Relações Internacionais. 3. Meio
Ambiente. 4. Política. 5. Identidade. I. Martins,
José Miguel Quedi, orient. II. Título.

LEONARDO KRONBAUER ROVARIS

**OS EFEITOS DAS MUDANÇAS AMBIENTAIS PARA A SEGURANÇA
INTERNACIONAL NO ENTORNO DAS ÍNDIAS NOS SÉCULOS XIX E XXI**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins

Aprovado em: Porto Alegre, 14 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Heraldo Makrakis
IFRS Canoas

Prof. Dr. Nilo André Piana de Castro
CAp UFRGS

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus pela vida. Agradeço à minha família pelo suor, pela paciência e pelo carinho. Agradeço ao corpo de funcionários do CERI, especialmente à Fabiana Silva Westphalen, pela paciência infinita e pela ajuda para resolver meus problemas. Agradeço aos meus colegas e mentores Ben-Hur da Silva Dutra Lima, João Gabriel Burmann da Costa, Valeska Ferraza Monteiro e Julio César Giacomini Spido, à minha prima Carine Kronbauer e ao meu amigo Kelvin Jardel Robe, bem como às sugestões de membros do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), ao coronel Heraldo Makrakis, ao professor avaliador Tito Lívio Barcellos Pereira e ao professor da Universidade de São Paulo (USP) Rafael Regiani pela ajuda e pelo intercâmbio de conhecimentos sobre Agronomia, Engenharia de Petróleo, Ciências Biológicas, Ecologia, Geografia, Geopolítica, Relações Internacionais e Ciências Militares. Agradeço ao meu orientador, José Miguel Quedi Martins, pela confiança, pela oportunidade e também por compartilhar parte de sua sabedoria sobre diversas áreas. Agradeço também ao CNPq pela bolsa de estudos de iniciação científica, bem como ao contribuinte brasileiro pelo suor e esforço dispendidos. Agradeço a todos aqueles anônimos que lutaram pela nossa cultura e se sacrificaram para que pudéssemos chegar onde estamos. Peço encarecidas desculpas se algum nome tenha sido esquecido ou erroneamente grafado.

“E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs
no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.”
(Gn 2:15)

RESUMO

O presente trabalho visa compreender e explicar os efeitos das mudanças ambientais para a segurança internacional do Entorno das Índias (Sul e Sudeste da Ásia) nos séculos XIX e XXI. Esse tema será abordado sob termos analíticos (inter-relação meio ambiente/segurança), geográficos e cronológicos. Usamos a metodologia de Van Evera (1997), na dimensão *histórico-avaliativa* quanto ao papel da mudança ambiental para o domínio inglês na região no século XIX e na dimensão *prospectiva*, quanto ao levantamento e verificação dos desafios securitários oriundos da mudança ambiental do século XXI. O Entorno das Índias, ao banhar o oceano Índico, rota de grande parte do petróleo e mercadorias globais, tem imensa importância econômica, política e militar para o mundo e, por conseguinte, para o Brasil. A isso se soma o caráter de profundo impacto ambiental e de vulnerabilidade social do Entorno das Índias - superpopulação, pobreza, conflitos de crenças e carência de capital e tecnologia para o desenvolvimento social. Toma-se por hipótese que a privação social, de origem ambiental, pode desencadear um ciclo de violência em larga escala e vulnerabilizar um país frente a potências estrangeiras. Apesar da ampla bibliografia sobre cada um dos temas, em consulta a bancos de dados da UFRGS (Lume) e do CNPq (CAPES), não se encontrou literatura lusófona a respeito da interconexão entre mudança ambiental e a segurança internacional no local e períodos referidos. Dessa maneira, espera-se que a pesquisa se justifique por sua originalidade.

Palavras-chave: Entorno das Índias. Mudanças Ambientais. Segurança. Meio Ambiente. Sul da Ásia. Sudeste da Ásia. oceano Índico.

ABSTRACT

This paper aims to understand and explain the effects of environmental changes on the international security of the Indian Belt (South and Southeast Asia) in the 19th and 21st centuries. This theme will be addressed in analytical (environment/security interrelationship), geographical, and chronological terms. We use Van Evera's methodology (1997), in the historical-evaluative dimension, regarding the role of environmental change for the English control in the region in the nineteenth century, and in the prospective dimension, regarding the survey and verification of the security challenges arising from the environmental change of the 21st century. The Indian Belt, surrounded by the Indian Ocean, is the main route of the oil and global commodities, and has immense economic, political and military importance to the world and, consequently, to Brazil. The Indian Belt is characterized by lack of capital and technology for social development, environmental impact and social vulnerability: overpopulation, poverty and identitarian conflicts. It is hypothesized that social deprivation, caused by environmental changes, can trigger large scale violence and to make a country vulnerable to foreign powers. In spite of the wide bibliography on each one of the themes, in consultation to databases of UFRGS (Lume) and CNPq (CAPES), no Portuguese-speaking literature was found regarding the interconnection between environmental change and international security at the place and periods mentioned. Thus, this research is expected to be justified by its originality.

Keywords: Indian Belt. Environmental changes. Security. Environment. South Asia. Southeast Asia. Indian Ocean.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de satélite do Entorno das Índias	15
Figura 2 – Mapa esquemático do Entorno das Índias	16
Figura 3 – Mapa dos pontos centrais do Entorno das Índias	18
Figura 4 – Mapa civilizacional do Entorno das Índias.....	20
Figura 5 – Mapa das Grandes Navegações rumo ao Entorno das Índias	32
Figura 6 – Mapas do imperialismo europeu no século XIX	34
Figura 7 – Mapa dos NORCs e países emergentes (BRICS e Tigres Asiáticos)	48
Figura 8 – Mapa-múndi de países em risco de colapso político ou ambiental	61
Figura 9 – Mapa-múndi de áreas em estresse hídrico	62
Gráfico 1 – Índice de incidência de pobreza no Entorno das Índias.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS.....	11
1.2 HIPÓTESES	12
1.3 METODOLOGIA	12
1.4 TEORIAS AMBIENTAIS.....	13
2 TEMPO, ESPAÇO E LOGOS.....	14
2.1 TEMPO.....	14
2.2 ESPAÇO.....	14
2.2.1 Definição do Entorno das Índias.....	14
2.2.2 Importância do Entorno das Índias.....	18
2.3 LOGOS.....	21
2.3.1 Meio Ambiente e Mudanças Ambientais	21
2.3.2 Segurança	25
2.3.3 O Nexu Meio Ambiente-Segurança.....	25
2.4 SÍNTESE.....	27
3 COLÔNIAS AMBIENTAIS.....	29
3.1 A JORNADA PARA O ÍNDICO	29
3.2 O IMPÉRIO DO SOL QUE NÃO SE PÕE	33
3.3 IMPERIALISMO AMBIENTAL	35
3.4 CRENÇAS.....	36
3.5 SÍNTESE	40
4 PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	41
4.1 A UTOPIA TECNO-SOCIAL.....	41
4.2 A DISTOPIA AMBIENTAL.....	43
4.3 A NORTE-SUL AMBIENTAL: UM NOVO NORTE-SUL?	46
4.4 SÍNTESE	50
5 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS	54
GLOSSÁRIO	58
ANEXO A – MAPA-MÚNDI DE PAÍSES EM RISCO DE COLAPSO.....	61
ANEXO B – MAPA-MÚNDI DE ÁREAS EM ESTRESSE HÍDRICO	62
ANEXO C – ÍNDICE DE INCIDÊNCIA DE POBREZA NO ENTORNO DAS ÍNDIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do século XXI, muito se fala sobre temas ambientais como aquecimento global, desmatamento, derretimento das calotas polares, fome e migrações erráticas de animais, extinções em massa, aumento na potência e periodicidade dos desastres naturais, poluição generalizada e outras catástrofes. O debate a respeito das consequências sociais da alteração ambiental desenfreada popularizou-se com filmes como *O Dia Depois de Amanhã* (2004) e *Uma Verdade Inconveniente* (2006), de Al Gore, embora na verdade seja bem mais antigo, tendo como marco contemporâneo o livro *Primavera Silenciosa* (1962), de Rachel Carson.

Seria de se pensar que não só os animais migram ou passam necessidades (para não falar de extinção) devido às mudanças ambientais, mas também os seres humanos? Quais as consequências securitárias, para as relações internacionais, de mudanças no meio ambiente, à luz de nossa experiência histórica? Quais as perspectivas para o futuro, de acordo com as lições do passado?

1.1 OBJETIVOS

Este trabalho aborda o meio ambiente¹ e a segurança² nas relações internacionais. Seu objetivo é *compreender e explicar os efeitos das mudanças ambientais na segurança internacional do Entorno das Índias³ nos séculos XIX e XXI*. Devido à sua cabal importância econômica, política e militar, rota de grande parte das mercadorias e do petróleo globais, o destino do Entorno das Índias está interligado com o do Brasil. Mais especificamente, espera-se produzir conhecimento útil ao progresso da ciência e à tomada de decisões políticas, explicando a realidade histórica da situação ambiental e securitária do Entorno das Índias e suas perspectivas futuras.

¹ Define-se o meio ambiente como o ambiente circundante aos seres vivos, incluindo os seres humanos, e que os afeta física, química e biologicamente. Inclui o solo, ar, água, clima, temperatura, umidade, a própria fauna e flora, etc. Para fins desse trabalho, o meio ambiente também inclui o *meio natural*, transformado pelo homem, que pode apresentar problemas ambientais naturais e/ou artificiais como tufões, maremotos, deslizamentos, enchentes, poluição, etc

² Define-se segurança em dois sentidos: a ausência de coerção direta (guerra), bem como a ausência de condições que podem vir a propiciar a coerção (criminalidade, pobreza, extremismo, decomposição social). Para fins desse trabalho, o primeiro aspecto é a *segurança nacional* (a nível do Estado) e o segundo aspecto é a *segurança humana* (a nível da sociedade e indivíduos).

³ O Entorno das Índias, conforme veremos, corresponde às regiões do Sul e Sudeste da Ásia, desde o Afeganistão até o Timor Leste, perfazendo 19 países.

O que se propõe, inicialmente, é compreender e explicar os efeitos das mudanças ambientais para a segurança internacional no passado – no caso, a consolidação do domínio europeu, especialmente britânico, no Entorno das Índias durante o século XIX – e extrair lições gerais válidas para a compreensão do presente e futuro. Depois, procura-se compreender e explicar os possíveis efeitos futuros das mudanças ambientais para a segurança internacional – isto é, nas próximas décadas do século XXI, tendo em vista a perspectiva de alteração do equilíbrio de poder decorrente do meio ambiente, sobretudo quanto à questão NORCs vs BRICS. Em terceiro lugar, aborda-se o Entorno das Índias atualmente, tratando da influência da mudança ambiental nas migrações e no recrudescimento do extremismo político e religioso.

1.2 HIPÓTESES

Parte-se das seguintes hipóteses:

- a) as mudanças ambientais geram um ambiente de estresse social, suscitando migrações, a decomposição social e fortalecendo identidades coletivas, que por vezes produzem choques que propiciam a violência em larga escala ou agressões estrangeiras;
- b) as mudanças ambientais, erodindo a organização social asiática no século XIX, favoreceram a penetração britânica no Entorno das Índias;
- c) à luz do ocorrido no século XIX, espera-se que no século XXI, mudanças ambientais também impliquem em mudanças securitárias.

Em outras palavras: as mudanças ambientais afetam a segurança de um país ou região, e a conseqüente vulnerabilidade interna facilita a agressão estrangeira por seus vizinhos. Fome, doenças, inundações, assoreamento de rios, desertificação, salinização do solo e outros fenômenos (sócio-)ambientais são recorrentes na história da humanidade. O mesmo se verifica a respeito do conflito, da pilhagem, da guerra e da violência em larga escala.

1.3 METODOLOGIA

Esse tema será abordado sob termos analíticos (inter-relação entre meio ambiente e segurança), geográficos (região do Entorno das Índias) e cronológicos

(séculos XIX e XXI). Utilizaremos a classificação de Stephen Van Evera (1997, p. 92-93), na qual a pesquisa pode ser enquadrada enquanto *histórico-avaliativa* e *prospectiva*. A dimensão histórico-avaliativa faz-se presente pela inter-relação entre a mudança ambiental ocorrida no século XIX e a consolidação do domínio britânico no Entorno das Índias. A dimensão prospectiva, pelo levantamento e verificação acerca dos desafios securitários nessa região em virtude da mudança ambiental do século XXI.

Além disso, consultados os bancos de dados da UFRGS (Lume) e do CNPq (CAPES), não foram encontrados trabalhos em português que relacionassem a mudança ambiental e a segurança internacional no local e períodos referidos. Existe bibliografia abundante sobre cada um dos temas, tomados isoladamente, mas não acerca de sua interconexão. Desse modo, pretende-se que, em termos acadêmicos, a pesquisa se justifique por sua originalidade.

1.4 TEORIAS AMBIENTAIS

O tema ambiental é por vezes polêmico, especialmente no tocante ao *aquecimento global*. Os debates mais hostis entre ambientalistas e céticos desenrolam-se da seguinte maneira: os primeiros sugerem ações drásticas para uma catástrofe iminente⁴, enquanto os últimos resumem o ambientalismo a um totalitarismo visando à concentração de poder político. Céticos são acusados de se venderem à indústria do petróleo/carvão; ambientalistas, ao ‘governo mundial’ e às suas super-elites financeiras, midiáticas e político-militares. No entanto, o aquecimento global é parte de pelo menos uma dúzia de outros problemas ambientais de relevância, e devemos evitar explicações simplistas e monocausais. (DIAMOND, 2017, 59:10-59:52). Assim sendo, o aquecimento global não é o foco deste trabalho, mas sim as *mudanças ambientais*, em sentido amplo.

⁴ Para ambientalistas como Harald Welzer (2010, p. 31.), “numerosas sociedades nos próximos anos ou décadas deverão enfrentar um colapso produzido por modificações climáticas e [...] este deverá modificar radicalmente as condições de vida para todas as pessoas envolvidas”, propondo ações mais incisivas (WELZER, 2010, p. 268-272). Ernesto Araújo, o diplomata indicado por Jair Bolsonaro ao Ministério das Relações Exteriores é por sua vez o arquétipo do cético: “O climatismo é basicamente uma tática globalista de instilar o medo para obter mais poder. [...] Sua única opção é me entregar tudo, me entregar a condução de sua vida e do seu pensamento, sua liberdade e seus direitos individuais. Eu direi se você pode andar de carro, se você pode acender a luz, se você pode ter filhos, em quem você pode votar, o que pode ser ensinado nas escolas. Somente assim salvaremos o planeta. Se você vier com questionamentos [...] te jogarei na masmorra intelectual.” (ARAÚJO, 2018). Conforme veremos, este trabalho tratará de dois possíveis cenários ambientais para o século XXI: um de uma perspectiva mais otimista e outro de uma perspectiva mais pessimista.

2 TEMPO, ESPAÇO E LOGOS

2.1 TEMPO⁵

Referente ao marco temporal, o século XIX abrange de 1º de janeiro de 1801 até 31 de dezembro de 1900 e o século XXI, de 1º de janeiro de 2001 até 31 de dezembro de 2100 do calendário gregoriano padrão. Esta é base calendárica e astronômica linear do registro da história. Isto é:

$$1801 \leq x \leq 1900 \cup 2001 \leq x \leq 2100$$

Aparte o óbvio ululante, uma análise menos mecânica da história fornece-nos alguns raciocínios interessantes. Alguns autores propuseram ‘contagens’ alternativas: o historiador Eric Hobsbawm, por exemplo, popularizou os termos *longo século XIX*, situado entre 1789 e 1914 (entre o início da Revolução Francesa e o momento antecedente à Primeira Guerra Mundial) e *curto século XX*, situado entre 1914 e 1991 (isto é, entre o início da Primeira Guerra Mundial e queda do marxismo soviético), também conhecido como a *Era dos Extremos*. (LONGO, 2007, p. 4-5)

O século XIX, no contexto desse trabalho, é o século do imperialismo europeu na Ásia e na África, bem como da Segunda Revolução Industrial e a industrialização da Alemanha, dos Estados Unidos e do Japão, regados a aço, petróleo e eletricidade. O século XXI, ao contrário do XIX, é (ou pretende ser) um século asiático. É a era da China, Índia e tigres asiáticos, dos direitos das minorias, da transição energética e de uma nova revolução industrial: criptomoedas, impressão 3D, Internet, inteligência artificial, carros autônomos, etc. Tendo isso em vista, esta pesquisa seguirá contornos gerais dos séculos, de forma que alguns detalhes não interfiram no todo, porém procurando manter as datas como fontes de referência.

2.2 ESPAÇO

2.2.1 Definição do *Entorno das Índias*

Devido à sua geografia privilegiada, à sua massa demográfica e às suas riquezas, o Entorno das Índias é (e foi) uma região de relevância histórica a nível mundial. Durante o Medievo e a Idade Moderna, foi conhecida, de forma obtusa e

⁵ Referimo-nos ao tempo cronológico.

nem sempre totalmente consciente, pelo nome de *Índias* ou *Índias Orientais*. Estas exóticas terras tropicais, sob o imaginário geográfico europeu, contrapunham a África e as “Arábias” (Oriente Médio) à China e ao Japão.

Figura 1 – Mapa de satélite do Entorno das Índias

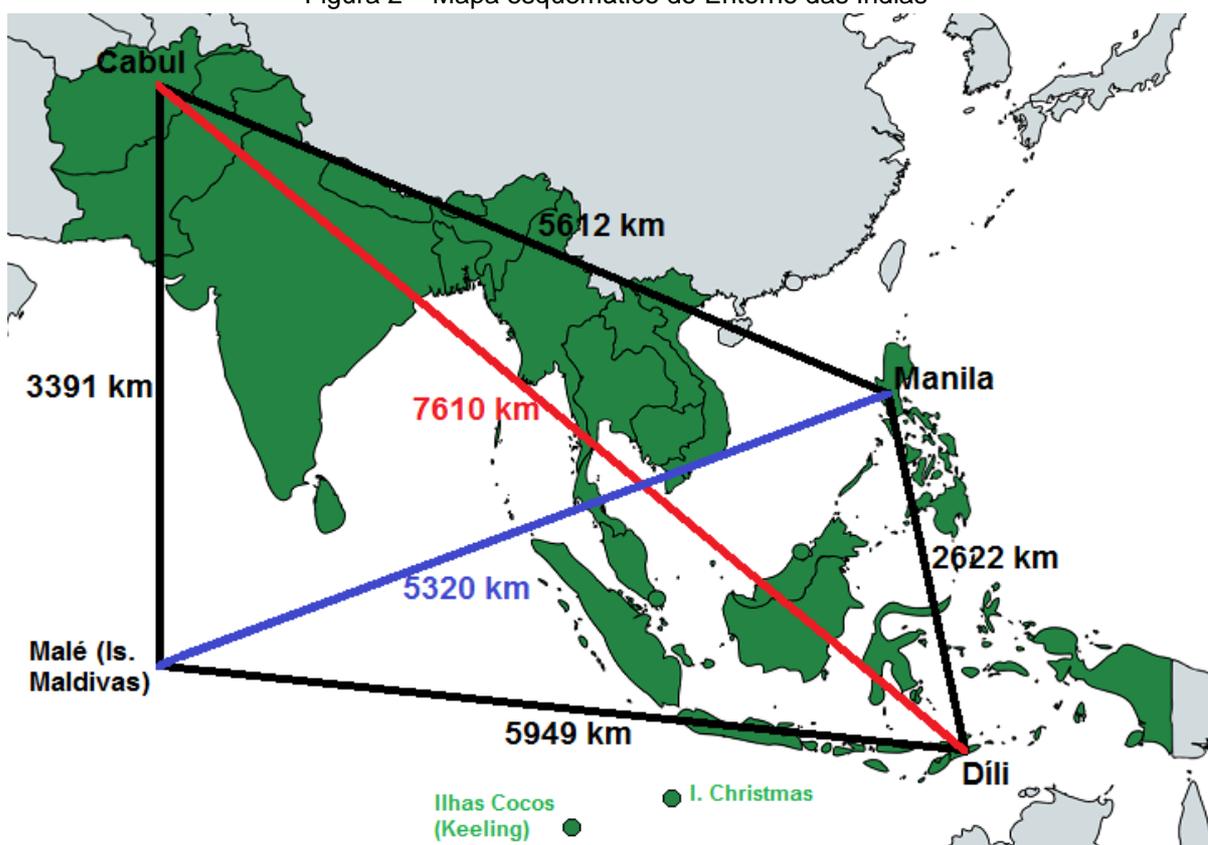


Fonte: Elaborado pelo autor (2018) com dados cartográficos ©2018 Google Imagens © 2018 NASA, TerraMetrics. Criado com Google MyMaps e editado. Nota-se marcadores nas capitais mais extremas dos países (Cabul, Malé, Manila e Díli), que servirão para construir os eixos direcionais da região.

Em termos práticos – e para fins desse trabalho – o Entorno das Índias corresponde exatamente à soma dos países do *Sul da Ásia* (Afeganistão, Paquistão, Índia, Maldivas, Sri Lanka, Nepal, Butão e Bangladesh) com os do *Sudeste da Ásia* (Myanmar, Tailândia, Laos, Camboja, Vietnã, Filipinas, Cingapura, Brunei, Malásia, Indonésia e Timor Leste). Engloba-se, portanto, 19 países, além de dois territórios dependentes (as Ilhas Cocos/Keeling e a Ilha Christmas), que pertencem politicamente à Austrália e geograficamente ao Sudeste Asiático.⁶

⁶ Algumas classificações de Sul da Ásia excluem o Afeganistão. Incluímo-no por dois motivos: para mantermos a classificação tradicional consagrada de Sul da Ásia e de Sudeste da Ásia, isto é, não “reinventar a roda” e também pelo fato de tratarmos da região como um todo holístico, e não apenas como um conjunto de países. Por isso, muitos países não têm acesso direto ao oceano Índico, mas estão situados em uma macro-região complexa, herdeira do antigo Hindustão e da Indochina históricos e culturais, onde a história chinesa, indiana e muçulmana convergem.

Figura 2 – Mapa esquemático do Entorno das Índias



Fonte: Elaborado pelo autor (2018). Criado com mapchart.net© e editado. Nota-se o Entorno das Índias (verde), o polígono central Cabul-Malé-Manila-Díli-Cabul (tracejado em preto) e os dois eixos direcionais (azul e vermelho). Este mapa simplificado é utilizado para fins didáticos e esconde a curvatura da Terra; por isso o ponto central não é visível (ver figura 3).

Nosso marco espacial também pode ser compreendido esquematicamente como o entorno de um segmento de reta na direção noroeste-sudeste, o **Eixo Cabul-Díli**, situado entre as capitais do Afeganistão e do Timor Leste. Essa linha, de 7600 km de extensão, é a coluna vertebral da região e a maior distância em comprimento entre as capitais de todos os países. A consequência mais notória é opor o oceano Índico ao oceano Pacífico, isolando o Extremo Oriente da África e do Oriente Médio, transpostos a altos custos por três estreitos superestratégicos: Lombok, Sunda e, especialmente, Málaca. Outra consequência é separar o disputadíssimo Mar do Sul da China do Golfo de Bengala, além de uma miríade de mares menores e ilhas entrecortados pelo relevo irregular da região. Sob um aspecto amplo, o Entorno das Índias conecta o Oriente Médio, Chifre da África, Ásia Central, China, Japão e dois oceanos.

A região alarga-se, de sudeste a nordeste, no **Eixo Malé-Manila**, de 5300 km, a maior distância em largura entre as capitais dos países, tendo por base o **Eixo**

Cabul-Díli, e o transpassando de maneira quase perpendicular. O *Eixo Malé-Manila* representa a distância, aproximadamente reta, que poderia ser percorrida de navio até a China se a Península Malaia inexistisse ou fosse transposta pela consecução do projeto do canal de Kra, atualmente inexistente.

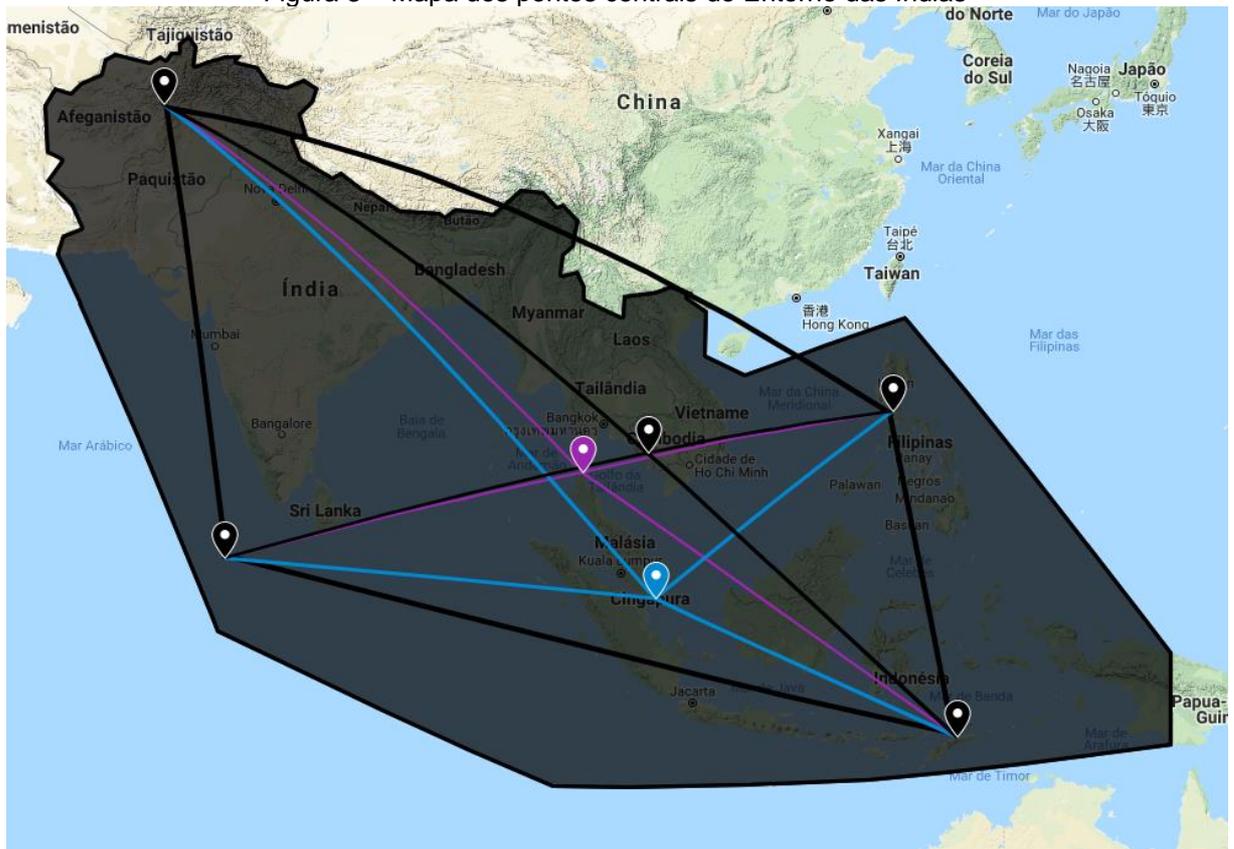
Por meio da união dos pontos extremos dos eixos Cabul-Díli e Malé-Manila, forma-se um **polígono central**, em forma de losango ou pipa, que é a base e cerne do Entorno das Índias. Assim, as capitais mais distantes das Índias são conectadas.

O **ponto central** do polígono situa-se em Koh Kong, província florestal do Camboja. Chegou-se a essa conclusão verificando-se a intersecção, considerada a curvatura da Terra, entre os dois eixos mencionados. No entanto, consideramos como **centro de gravidade** da região, tendo em vista a sua importância estratégica (política, econômica e militar), o estreito de Málaca, o ponto de conexão entre os dois oceanos e o Mar do Sul da China, quer dizer, o ponto de quebra da influência geobloqueadora do eixo Cabul-Díli.

Entendemos que há uma tendência de deslocamento do centro de gravidade da região, afastado das grandes massas demográficas e terrestres, para o norte (continentalidade). O novo *centro de gravidade* seria o istmo de Kra⁷, onde há projetos de instalação de um canal, que uniria duas grandes massas de água – a Baía de Bengala e o mar do Sul da China – separadas por uma tênue faixa de terra. Cabe notar que, enquanto o eixo Cabul-Díli se revela como um bloqueador terrestre quase perfeito, uma muralha inter-oceânica, o eixo Malé-Manila se revela como a rota marítima ideal para a navegação. O primeiro é um eixo telúrico ou terrestre; o segundo, um eixo aquático.

⁷ A construção de canal de Kra ou canal da Tailândia encurtaria as viagens marítimas em aproximadamente 1200 km, ou três dias (DUARTE, 2016, p. 4). Apesar de seu ponto mais estreito ser de 44 km, a rota ideal do canal perfaria entre de 100 a 120 km de extensão. (KINDER, 2007, p. 111,117). O canal do Panamá, para efeitos de comparação, possui 102 km.

Figura 3 – Mapa dos pontos centrais do Entorno das Índias



Fonte: Elaborado pelo autor (2018) com dados cartográficos ©2018 Google, INEGI, ORION-ME. Criado com Google MyMaps e editado. Nota-se: a) o *Entorno das Índias* (sombreado em preto), b) o *polígono central*, unindo as quatro capitais (traçado em preto, em forma de pipa); c) os *eixos direcionais* Cabul-Dili e Malé-Manila e seu *ponto central*, Koh Kong, no Camboja (traçado em preto); d) o *centro de gravidade* estratégico atual, no estreito de Malaca (em azul), deslocado para o sul e e) o mais provável *centro de gravidade* futuro da região, istmo de Kra, na Tailândia.

Geologicamente, o Entorno das Índias abrange quatro placas tectônicas – Eurasiática, Filipina, Indiana e Australiana (às vezes as duas últimas são classificadas como conjuntamente). Para complementar, parte da região está imersa no Círculo de Fogo do Pacífico. Não é de se espantar que seja um dos locais com maior atividade sísmica (terremotos e maremotos) e vulcânica no planeta. Estes não raro provocam catástrofes com numerosas vítimas (ALMANAQUE ABRIL, 2013, p. 359).

2.2.2 Importância do *Entorno das Índias*

Lar de 2,3 bilhões de habitantes, comprimidos em 9,3 milhões de km², o Entorno das Índias encerra uma densidade populacional de 245 hab/km² (para efeitos de comparação, o Japão possui 335 hab/km²). Ou seja, em uma área pouco

maior que o Brasil, habita dez vezes mais seres humanos. Essa população, a despeito de reduções na taxa de crescimento demográfico, não se estabilizou e continua a crescer de forma significativa, sob a mesma superfície.⁸

O oceano Índico, rota de grande parte das mercadorias e do petróleo globais, confere aos países adjacentes enorme importância geoeconômica no comércio marítimo internacional, ao conectar o gigantesco comércio da China com a Europa, Estados Unidos e com os países do Golfo Pérsico. Nessa região localizam-se a Índia – nação “emergente” e membra dos BRICS⁹ – e os *novos tigres asiáticos* (Indonésia, Malásia, Filipinas, Tailândia e Vietnã)¹⁰, países de crescimento econômico acelerado e com perspectivas de desenvolvimento.

Seu relevo entrecortado, sua fragmentação política e a circulação de riqueza, aliados a vários estreitos e pontos de congestionamento (*choke points*) asseguram também enorme importância política e militar para a região (ALBERT, 2016, p. 2). Um ataque a um único navio petroleiro no estreito de Málaca, onde transita um terço das mercadorias mundiais (GERKE; EVERS, 2016, p. 7-8) e mais de 16 milhões de barris de petróleo por dia (US EIA, 2017, p. 2) causaria prejuízos incalculáveis em poucos dias (GERKE; EVERS, 2016, p. 8).

A isso se soma o caráter de profundo impacto ambiental e de vulnerabilidade social do Entorno das Índias – conflitos de crenças e identidades, superpopulação, pobreza e carência de capital e tecnologia para o desenvolvimento social. O Entorno das Índias também é uma região delicada, famosa por sua diversidade cultural. Seguindo os passos do cientista político americano Samuel P. Huntington¹¹, podemos notar que essa região possui várias fronteiras conflitivas entre as várias civilizações que a compõem, as *linhas de fratura* (HUNTINGTON, 2010, p. 348).

⁸ A porção habitável do Entorno das Índias (e do mundo) pode diminuir devido à elevação do nível do mar causada, pelo aquecimento global, o que, por sua vez, também aumenta a incidência de desastres naturais como furacões e a frequência de eventos extremos como secas e inundações. A situação é agravada pelo fato de cidades portuárias, vulneráveis, serem importantes centros de comércio e densamente povoadas. Ver: SMITH, 2011, p. 93-96.

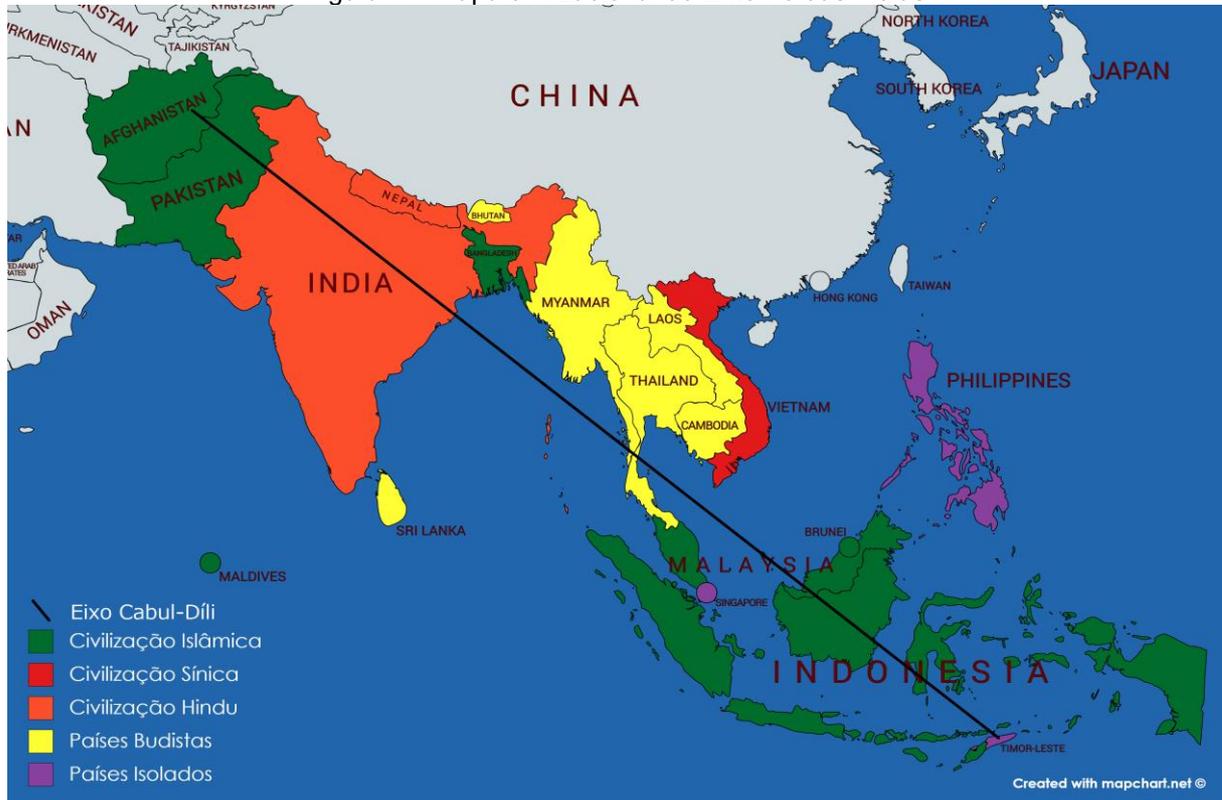
⁹ A nomenclatura BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) foi cunhada em 2001 por Jim O’Neill, presidente da Goldman Sachs, em um relatório *Building Better Global Economic BRICs*. Disponível em: <<https://bit.ly/1PRivSB>>. Dez anos depois, passou a incluir a África do Sul, com o nome BRICS.

¹⁰ Além de Cingapura, um dos *velhos tigres asiáticos* (junto com Coreia do Sul, Taiwan e Hong Kong).

¹¹ Samuel P. Huntington, autor ocidentalista ligado à direita conservadora, vê as identidades civilizacionais sob um prisma mais pessimista, privilegiando o conflito de grupos (*choque de civilizações*) como instrumento de análise nas relações internacionais. Polêmico, foi acusado de eurocentrismo por criticar a erosão dos costumes tradicionais do Ocidente e certos aspectos do multiculturalismo doméstico, embora tenha se oposto à imposição dos valores universais pelos ocidentais em outras culturas. (HUNTINGTON, 2010, p. 519-557). Cumprir não confundir os juízos de fato dos juízos de valor.

Encontram-se dois países com armas nucleares – Índia e Paquistão – e várias fronteiras militarizadas – Afeganistão/Paquistão, Paquistão/Índia, Índia/Bangladesh, Bangladesh/Myanmar, Tailândia/Camboja (WALKER, 2011).

Figura 4 – Mapa civilizacional do Entorno das Índias



Fonte: Elaborado pelo autor (2018) com base em HUNTINGTON (2010). Criado com mapchart.net©.

A carência econômica, a despeito de avanços em crescimento econômico dos seis países compreendidos nos BRICS e nos *novos tigres asiáticos*, ainda é endêmica: grande parte dos pobres e miseráveis do mundo, tanto em termos absolutos quanto em termos percentuais, ainda habitam no Entorno das Índias (THE ECONOMIST, 2014. *apud*: ASIAN DEVELOPMENT BANK). É importante lembrar que a globalização, ao tornar “impossível às sociedades modernas entrarem em colapso isoladamente” (DIAMOND, 2014, p. 41), potencializa as conseqüências que os problemas sociais, econômicos e ambientais nessa parte do globo podem trazer ao resto do mundo.

Paralelamente ao crescimento econômico e demográfico situam-se o crescimento do consumo e da produção de resíduos, a devastação ambiental e a poluição da natureza (DIAMOND, 2014, p. 422). Mesmo onde há estabilidade demográfica, o aumento do padrão de vida visando níveis de Primeiro Mundo

multiplica a pressão sobre a fertilidade da terra, o consumo de carvão, petróleo, minerais e os estoques de água (SMITH, 2011, p. 74)¹². Grande parte da água do Entorno das Índias provém do Platô Tibetano, na China, de onde nascem 11 dos maiores rios do mundo e os principais da Ásia, antes de desaguarem no Subcontinente Indiano e na Indochina (ALBERT, 2016, p. 1-2). A Ásia das Monções, uma das três áreas do mundo recobertas por grandes florestas tropicais, é originária de grande parte das florestas tropicais do mundo, rivalizando somente com a Amazônia e com a África Central (VIDAL, 2007). Sob tais condições, é de se supor que a presença de vários indicadores de vulnerabilidade social na região, amplificados pela mudança ambiental, se manifeste em um aumento na instabilidade regional¹³ nos países do Entorno das Índias.

2.3 LOGOS

Utilizamos as categorias *meio ambiente* e *segurança* para nos referir a certo modo de organizar e interpretar a estrutura da realidade. Essa ordem é inserida no tempo e no espaço. Aqui, *logos* é a interpretação da realidade pela racionalidade e pela linguagem humanas.

2.3.1 Meio Ambiente e Mudanças Ambientais

O *meio ambiente* é o ambiente que circunda os seres vivos, incluindo os seres humanos, e os afeta física, química e biologicamente. Inclui o solo, ar, água, clima, temperatura, umidade, a própria fauna e flora, etc. Para fins desse trabalho, o meio ambiente também inclui o meio natural, transformado pelo homem, que pode apresentar problemas ambientais naturais e/ou artificiais como tufões, maremotos, deslizamentos, enchentes, poluição, entre outros.

As *mudanças ambientais* são, como o nome diz, alterações no meio ambiente, podendo ser tanto de origem natural quanto antropogênica (ou ambas, em diferentes graus). Também podem ser tanto negativas (como um terremoto matando milhões de pessoas) quanto positivas (como a recuperação natural de uma floresta desmatada). Neste estudo, utilizaremos o termo mudanças ambientais no seu

¹² Ver também: SPUTNIK MUNDO, 2018.

¹³ Ver, por exemplo, o Global Conflict Tracker do *think thank* americano Council of Foreign Relations, disponível em: <<https://on.cfr.org/2wzd2w3>>

sentido negativo, e, intercambiavelmente, o menos ambíguo termo *degradação ambiental*. As mudanças ambientais não se confundem com as mudanças na paisagem – isto é – mudanças no meio natural devido à transformação do espaço para fins econômicos, habitacionais, etc. O homem, ao contrário dos outros seres vivos, é um ser social, e o único com capacidade de transformar o meio em que vive de forma consciente e avassaladora. Quando não envolvem seres humanos, as mudanças ambientais são consideradas apenas parte integrante da natureza, pois inexistem “desastres” naturais ou “catástrofes” ambientais em lugares inabitados pelo ser humano. Quando envolvem seres humanos, porém, as mudanças ambientais geralmente são consideradas de forma negativa.

2.3.1.1 Água: inundações e secas

As primeiras civilizações e as primeiras cidades surgiram nas margens de rios, onde houve a transição da extração de alimentos (caça, pesca e coleta) para a produção de alimentos (agricultura e pecuária), através da domesticação de animais e plantas. Por isso, enchentes (como o dilúvio de Noé), bem como secas (como a história de José no Egito), são temas frequentes na mitologia dos povos antigos, e considerados como arbítrio divino. Além dos rios, os mares e oceanos também eram vitais para civilizações como a indiana, que dependiam de monções de origem oceânica para a agricultura e para o comércio naval (REGIANI, 2018, p. 41).

As inundações e secas são fenômenos naturais, que podem ser mitigados ou potencializados pela ação humana, como a construção de diques, canais e barragens. Nas cidades, a impermeabilização do solo através do asfalto e do cimento frequentemente impede a água das chuvas de penetrar no solo. Por conseguinte, a ocorrência ocasional de chuvas muito fortes arrasta a poluição com lixo, trancando os bueiros e impedindo ainda mais o escoamento de água das cidades. As **enchentes** matam pessoas por afogamento, eletrocussão (a água transmite corrente elétrica), contaminação por produtos químicos e por animais transmissores de doenças (como ratos e mosquitos), dispersando animais selvagens, bem como ilhamento e quebra das safras, resultando em inanição. (EPA, Flooding). Também podem ocorrer deslizamentos de terra e soterramentos, bastante comuns na China e no Entorno da Índia (LIVEMINT, 2018). A isso se somam os

maremotos (*tsunamis*), geralmente ‘terremotos’ submarinos que deslocam grande massa de água, e causam danos ainda maiores.

As **secas** são mais conhecidas por provocar perda das colheitas agrícolas devido à falta d’água, provocando fome (ou mesmo sede em casos extremos). Além disso, as secas provocam problemas respiratórios devido à poeira, além da disseminação de alguns agrotóxicos (que de outra forma seriam absorvidos pelo solo encharcado) para as grandes cidades (EPA, Drought).

2.3.1.2 Correntes de circulação atmosférica e oceânica

Segundo Magnoli e Araujo (2004, p. 34), existem dois mecanismos de distribuição de energia que atuam a nível global: a *circulação atmosférica* e a *circulação oceânica*, ambos intimamente relacionados. A **circulação oceânica**, ou correntes marinhas (ou oceânicas), que “deslocam-se [...] como se fossem ‘rios’ em meio ao mar”, empurradas pelas massas de ar. A **circulação atmosférica**, por sua vez, é afetada pelas diferenças de temperatura e pressão e reconduz o calor solar por quase todo o planeta (MAGNOLI, ARAUJO, p. 34). Um exemplo significativo são os *ventos das monções*, já conhecidos por gregos e romanos, e que foram redescobertos pelos portugueses na Era das Grandes Navegações. Enquanto – relata Kaplan – demorava-se, na época, dois meses para se cruzar uma fatia do mar Mediterrâneo de Veneza à Palestina, os ventos monçônicos catapultaram Vasco da Gama do Chifre da África até a Índia em 23 dias. “Não foi tanto a Ásia que da Gama [e os portugueses] redescobriram para a Europa”, conclui Kaplan, “mas o sistema de ventos que os trouxe lá”. (KAPLAN, 2011, p. 49, 53).

2.3.1.3 El Niño/La Niña

O **El Niño** é um fenômeno natural que consiste no aquecimento das águas do oceano Pacífico. Sua ocorrência, periódica e irregular, a cada três a sete anos, resulta na seca e queda das safras nas regiões monçônicas chuvosas. A **La Niña**, por sua vez, é o fenômeno reverso, isto é, o resfriamento das águas do oceano Pacífico, que causa excesso de chuvas e inundações. (DAVIS, 2002, p. 23-25,27).

2.3.1.4 Degradação do solo

A degradação edáfica é um problema bastante conhecido. Da mesma forma que contribuiu para o declínio das antigas sociedades do Crescente Fértil, no século XXI contribui para o declínio de uma das regiões menos povoadas e mais ambientalmente preservadas dos Estados Unidos (DIAMOND, 2014, p. 69-71). Pode ocorrer por diferentes causas: sobrepastejo, salinização, erosão, desertificação etc.

2.3.1.5 Desmatamento

As sociedades tradicionais utilizam as florestas em volta de seus campos como fonte de madeira para construção (prédios, utensílios, carros de transporte, navios), para proteção contra o frio, como arma (especialmente animais), para iluminação, para a metalurgia e como fonte de energia para cozinhar os seus alimentos. Assim, as aldeias e cidades das antigas civilizações necessitavam de um suprimento constante de lenha para se alimentarem, e o aumento populacional frequentemente exauria os estoques naturais. Para tanto, o manejo das florestas, ou silvicultura, surgiu como necessidade na Alemanha e no Japão por volta dos séculos XV e XVI e se propagou nos séculos seguintes (DIAMOND, 2014, p. 357-369).

Na era industrial, com o surgimento das máquinas a vapor e a carvão mineral, a lenha deixou de ser a fonte principal de energia. Posteriormente, o gás natural, petróleo ou a eletricidade passou a substituir os fogões a lenha, junto com o plástico, o cimento, o aço e o concreto. Não obstante, a sociedade atual ainda necessita de um fluxo constante de madeira, e a administração correta das florestas é indispensável. Esta é necessária, pois o preservacionismo estrito interfere na natureza ao impedir as queimadas naturais, acumulando, perigosamente, material inflamável (DIAMOND, 2014, p. 64-68).

Nem sempre a super-exploração da madeira é a causa da extinção das florestas. Muitas vezes, há a necessidade de terras férteis para agricultura e pecuária, bem como casos peculiares, como a destruição ecológica da Ilha da Páscoa, em que os a madeira foi toda extraída para exaltar os chefes da aldeia com monumentos. Entre outros fatores, no caso de ilhas do Pacífico, incluem aridez, temperatura e latitude, vulcanismo, precipitação de cinzas e poeira, rochas, altitude, tamanho e isolamento (DIAMOND, 2014, p. 74).

2.3.2 Segurança

Entendemos *segurança* como a ausência de violência, ou coerção direta (*guerra*), bem como a ausência de condições propícias a coerção, que possam vir a desencadeá-la ou agravá-la por meios indiretos. Tendo isto em vista, conceituamos a *segurança nacional* como a defesa do Estado e de seus cidadãos contra agressão externa. Realisticamente, consideramos inviável assegurar a segurança nacional sem condições de bem-estar (conforto material) e segurança interna.

A *segurança humana*, por sua vez, supõe condições estruturais de bem-estar social, em um país, que possam conter a escalada da violência interna em seu estágio embrionário. Exemplos é um sistema de justiça eficiente, coesão familiar e comunitária, meios que permitam a solução pacífica de conflitos e ausência de privação econômica. O *Global Water Security* (CIA, 2012, p. 3), por exemplo, concebe a segurança humana como o “acesso suficiente a commodities (alimento, água) e um ambiente (abrigo, saúde) necessário para o sustento da vida humana”. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, ou *UNDP*), de 1994, traduz a segurança em sete áreas específicas: as seguranças econômica, alimentar, da saúde, ambiental, pessoal, comunitária (referente a minorias) e política (ONU, 1994).

2.3.3 O Nexo Meio Ambiente–Segurança

O meio ambiente relaciona-se estreitamente com a integridade física e a subsistência do ser humano. Afinal, o ser humano precisa, em ordem de importância, de oxigênio, água doce e alimento, bem como se manter aquecido e abrigado de animais e das intempéries naturais. O homem não pode ignorar a fome e a morte quando esta lhes aflige pessoalmente. Como bem resume Harald Welzer, “não existe espaço de manobra quando a ração diária possível desce abaixo do nível necessário à sobrevivência”. A redução da terra arável, por exemplo, aumenta a pressão populacional e incentiva a violência. Países ricos tem 15 vezes menos chance de se envolverem em uma guerra civil do que pobres (WELZER, 2010, p. 105, 107).

Naturalmente, as mudanças ambientais não geram mudanças uniformes no mundo inteiro, mas atingem mais agudamente algumas regiões do globo,

especialmente países em desenvolvimento (DALLAS, 2009, p. 29-31). Dentre esses, os da Ásia monçônica, em especial em torno dos deltas fluviais, como Bangladesh e Índia, bem como algumas ilhas e cidades costeiras, são dos mais vulneráveis (WELZER, 2010, p. 121-122). Esta diferença influencia a balança de poder entre países. Segundo documento das Forças Armadas brasileiras, “as mudanças climáticas têm graves conseqüências sociais, com reflexos na capacidade estatal de agir e nas relações internacionais” (BRASIL, 2012, p. 19). Para o historiador americano Mike Davis, os desastres ambientais do século XIX e início do século XX exerceram papel relevante na conquista imperialista americana e europeia na China, no Entorno das Índias e na África, na conquista japonesa da Coreia e em revoltas milenaristas no Nordeste brasileiro (DAVIS, 2002, p. 187-220).

2.3.3.1 Inanição

O ser humano pode morrer de desidratação ao ficar sem beber água doce por mais ou menos três ou quatro dias. A experiência física da fome, que pode matar um ser humano adulto médio em algumas semanas, manifesta-se como *subnutrição* – a ausência da quantidade mínima de calorias necessárias ao sustento do organismo – ou como *desnutrição* – a carência de certos tipos de nutrientes. Durante a maior parte da humanidade, a fome era recorrente. As pessoas comuns, com tecnologia primitiva e produzindo pouco excedente, viviam no limite entre a fome e a saciedade, e colheitas malsucedidas eram perigosas. Além disso, cada aumento na produção de alimentos era compensado negativamente por um crescimento populacional correspondente, a chamada *armadilha malthusiana*¹⁴. É comum que o esfaimado desfaleça gradualmente e, sem ter para onde ir (ou força física), definha até a morte, ou, enfraquecido, acabe perecendo por doenças ou frio. O faminto, em desespero, procura qualquer planta ou animal para se alimentar, ‘come’ sangue, terra, cascas de árvores ou cadáveres de seres humanos. (HARARI, 2016, p. 13)

¹⁴ Thomas Malthus (1766-1834) foi um economista e demógrafo inglês, que propôs que a população crescería em progressão geométrica, enquanto que a produção de alimentos, em progressão aritmética. A incapacidade de uma crescimento demográfico devido ao escasseamento de comida (*armadilha malthusiana*), levaria à morte pela fome, como observada na natureza. Porém, suas teorias principais, dignas de grande crédito na época do imperialismo britânico, não se verificaram, devido às inovações tecnológicas. (MAGNOLI; ARAUJO, 2004, 136-137). Notadamente, o fatalismo do desastre alimentar (em um contexto tecnológico e industrial) acaba por relativizar e isentar a responsabilidade humana pelo morticínio em massa, animalizando o ser homem. Controverso, o *malthusianismo* gerou novas variantes, que suscitam debates até o atual século XXI. Para um relato contemporâneo, ver o capítulo 10 de Diamond (2007, p. 218-228).

A fome não está relacionada somente aos problemas na *produção*, mas também no *transporte* de alimentos. Muitas vezes o faminto tem de se locomover longas distâncias para procurar comida. A dificuldade nos transportes de alimentos, como na Índia pré-britânica, ou a sua interrupção no caso de guerra, como no bloqueio naval britânico à Alemanha na Primeira Guerra Mundial, induz à fome. Desta forma, os problemas ambientais se entrelaçam com a segurança. Por outro lado, alguns autores, como o historiador israelense Yuval Harari sustentam que a tecnologia atual, leia-se – o século XXI – acabou com a fome e que esta só pode ter causas artificiais, como genocídio deliberado ou incompetência de políticos. (HARARI, 2016, p. 14). Entende-se que a fome seja um problema tão pequeno para a ciência que apenas eventos extraordinários possam causá-la.

2.3.3.2 Destruição da infraestrutura

A infraestrutura de um país (estradas, portos, ferrovias, rodovias, dutovias, etc) pode ser danificada pelas condições ambientais. Um caso famoso é o frio extremo russo, que dificultou as invasões de Napoleão e Hitler. Quando as temperaturas baixam até -40°C , o aço torna-se muito mais frágil, os motores congelam e o trabalho manual torna-se fisicamente insuportável (SMITH, 2011, p. 112). O aquecimento global causa degelo do *permafrost*, que pode obstruir prédios e ferrovias (SMITH, 2011, p. 138-139), bem como abrir novas áreas agrícolas e recursos minerais e energéticos nos países árticos, pondo em risco áreas no Entorno das Índias e sul da África (SMITH, 2011, p. 118-119). Embora seja dificultado o acesso por terra, tornando o solo firme instável, novas rotas navegáveis podem facilitar o acesso aquático. No caso do Entorno das Índias, as estruturas podem sofrer com terremotos, deslizamentos de terra, destruição de carros e prédios por inundações ou maremotos. Os desastres ambientais causam custos humanos e prejuízos econômicos.

2.3.3.3 Quebra da coesão social

Entende-se que a proliferação do comportamento antissocial, do crime, da rejeição das responsabilidades pessoais, do hedonismo podem causar desintegração interna e o próprio fim de uma sociedade ou comunidade política

organizada (HUNTINGTON, 2010, 524-525). Seguindo o raciocínio de Jared Diamond, o colapso (entendido *stricto sensu* como colapso *ambiental*) é um fato extremo composto de formas graduais de declínio, que significa a redução da complexidade econômica, política e social de uma região (DIAMOND, 2014, p. 17). Além disso, sociedades fragmentadas possuem “baixo índice de integração nacional”, bem como instituições mais frágeis, sendo menos capazes de administrar a justiça e a ordem pública. Dessa forma, o estado perde o monopólio da violência para grupos tribais ou organizações criminosas ou mercenárias (WELZER, 2010, p. 111-113).

2.4 SÍNTESE

Em suma, o Entorno das Índias é importante na geopolítica mundial, para a política energética, o comércio internacional e para o meio ambiente. Desde o Afeganistão até o Timor Leste, possui uma presença geobloqueadora inter-oceânica (eixo Cabul-Díli), e um eixo marítimo navegável das Maldivas até as Filipinas (eixo Malé-Manila), formando um conjunto interconectado. A segurança refere-se não apenas aos aspectos óbvios militares, mas também à coesão social, à resolução de conflitos, à organização social e ao bem-estar da população. O meio ambiente, fonte dos “recursos escassos” da ciência econômica, é a fonte da subsistência, do bem-estar e das capacidades de combate de uma população. O meio ambiente e a segurança estão entrelaçados, e a história oferece inúmeros exemplos da influência mútua. O século XIX é marcado pela ação do imperialismo na África e na Ásia no contexto da Segunda Revolução Industrial, conquanto o século XXI, é o século das minorias e dos direitos humanos, junto da ascensão econômica do Sul global¹⁵, no contexto do aprofundamento da Terceira Revolução Industrial.

¹⁵ Posteriormente trataremos do bloco econômico do entorno do Mar Ártico, os NORCs, isto é, do “Novo Norte” ambiental, que desafia o poluído e instável Novo Sul econômico industrial.

3 COLÔNIAS AMBIENTAIS

“We're not little men, so we're going away to be kings – kings of Kafiristan. [...] It's a place of warring tribes, which is to say, a land of opportunity...for such as we who know how to train men and lead them into battle.

We'll go there and say to any chief we can find: "Do you want to vanquish your foes?" "Of course", he'll say, "go for it". We'll fight for him, make him king and then we'll subvert him. We'll seize his royal throne and loot the country four ways from Sunday. How's that for a plan?" (The Man Who Would Be King, 1975)¹⁶

3.1 A JORNADA PARA O ÍNDICO

Nos tempos clássicos, o centro articulador do comércio para gregos e romanos era o mar Mediterrâneo. Roma considerava o controle do *Mare Nostrum* como vital na logística do império, dizimando piratas e potências concorrentes, bem como edificando postos de vigia, fortes, muralhas, portos e estradas. Apesar disso, já nessa época os europeus conheciam o oceano Índico. Escreve o cientista político americano Robert Kaplan:

[...] O envolvimento da Europa com o oceano Índico tem uma base profunda na antiguidade. Os antigos gregos navegaram tão ao sul quanto Rapta, [...] perto de Zanzibar [...] [e] eram familiares com o Ceilão [atual Sri Lanka] [...] até a Baía de Bengala dentro da foz do Ganges não distante da atual Kolkata (Calcutá). No primeiro século antes de Cristo, o navegador grego Hípalo planejou uma rota direta do mar Vermelho até a Índia ao observar o funcionamento dos ventos das monções, conhecimento o qual ele passou aos romanos. A cada ano, 'por volta da época do solstício de verão,' escreveu Edward Gibbon, uma frota comercial romana, ajudava pela monção, velejava do Egito à costa sudoeste de Malabar, na Índia a caminho da Arábia, retornando no inverno, depois dos ventos serem revertidos, com um carregamento rico em seda, pedras preciosas, madeira, marfim, animais exóticos e ervas aromáticas como olíbano. O cristianismo pode ter sido introduzido para a costa de Malabar (que Ptolomeu descreve) em uma época romana tardia. (KAPLAN, 2011, p. 49; tradução nossa).

Após um milênio, a situação havia mudado. Roma havia se esfacelado (476) há muitos séculos, Constantinopla caiu em mãos turcas (1453) e a Península Ibérica é um posto avançado mouro (711-1492). As Cruzadas (1095-1291) não haviam conseguido manter o domínio na Terra Santa, e a Peste Negra (1347-1352) havia dizimado ao menos um terço da população europeia (HISTÓRIA, 1991a, p. 8),

¹⁶ Lançado no Brasil como “O Homem Que Queria Ser Rei”. O trecho pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ZEka7oH_Qo>. Acesso em: 20/10/2018.

despovoando o continente. Não bastasse a fragilidade política, a Reforma Protestante (1517) aprofundou a divisão interna da Europa.

Nessa época, o mar Mediterrâneo (menos importante do que outrora, em virtude da decadência do comércio) estava tomado por piratas e por potências islâmicas. Duas cidades-Estado italianas dividiam o tumultuado espaço marítimo com o Império Turco-Otomano; que, além disso, detinha o controle das antigas rotas comerciais bizantinas por terra. Por isso, a rota de especiarias – espécie de *commodities* de elevado valor agregado – das Índias para a Europa era monopolizada por terra ou pelo mar. Obstruída ou dificultada pela pirataria, essa situação impossibilitava aos europeus comerciar sem ter como intermediários seus rivais civilizacionais islâmicos.

O fechamento da Europa ao mar Mediterrâneo significou, para o norte da Europa, o seu isolamento em relação aos vizinhos meridionais, de forma que os países protestantes voltaram suas atividades de comércio, pesca e navegação para o mar do Norte e para o mar Báltico. (VÁZQUEZ, 2013, p. 133). Nesse ínterim, a despeito da constante ameaça islâmica, o contato europeu com os árabes, sobretudo durante as Cruzadas, acabou por revolucionar a ciência e a tecnologia naval europeia. Entre as novas invenções estavam a bússola, o astrolábio, o quadrante e a balestilha, que acabaram por desencadear a *Era das Grandes Navegações*.

A alternativa, para a Europa mediterrânea fora do domínio muçulmano, era atingir o Entorno das Índias¹⁷ através do oceano Atlântico. Um dos primeiros países a se beneficiar foi Portugal, que juntamente com a Espanha, projetava-se geograficamente para o oceano Atlântico, para a África e para o mar Mediterrâneo. Esses produtos do Oriente possuíam valor inestimável:

Embora o tráfico asiático fosse bem pequeno em comparação com os carregamentos de grãos, lã e outras mercadorias essenciais que movimentavam o volumoso comércio europeu, ele sempre estivera associado a grandes lucros. Havia muito dinheiro a ser ganho com os artigos de luxo do Oriente: sedas da Pérsia e da China, algodão da Índia, pedras preciosas as mais variadas – diamantes e esmeraldas indianas, rubis da Birmânia, topázios, safiras e granadas do Ceilão – e, acima de tudo, especiarias. As especiarias desempenharam um papel especial na vida econômica, política e culinária da Europa. Os europeus eram carnívoros de preferência, mas a oferta de carne era sazonal. A escassez de forragem no inverno obrigava a

¹⁷ Nessa região, nota Kaplan (2010, p. 51), três quartos dos impérios, “Turquia Otomana, Irã Safávida, Índia Mogol e China Ming” eram islâmicos.

matar muito gado no outono. A carne se deteriorava logo, mesmo quando preservada com sal; os temperos ajudavam a torná-la mais palatável. Além disso, muitas especiarias tinham fama de ser medicinais, sendo que algumas inspiravam uma reverência quase mística. Embora a variedade de artigos oferecidos pelos mercadores fosse enorme – um guia popular listava 288 substâncias diferentes, incluindo açúcar, ceras, gomas, cosméticos, perfumes, drogas e corantes –, os mais procurados eram pimenta da Índia, canela do Ceilão e itens exóticos como noz-moscada, cravo e macis, que vinham de umas poucas ilhas das Molucas, na atual Indonésia. Em meados do século XV, a Europa tinha uma população crescente e um mercado em expansão para muitas mercadorias, inclusive uma demanda quase insaciável de especiarias por parte de quem tinha condições de pagar por elas. (HISTÓRIA, 1991b, p. 11)

Como visto, nos séculos XV e XVI, o desenvolvimento acelerado da tecnologia naval, da cartografia e das expedições marítimas possibilitou à Península Ibérica explorar cada vez mais longe e abrir novas rotas rumo às Índias. Uma das alternativas possíveis era a circum-navegação da África pelo sul e leste, até Calicute. A outra era a travessia do oceano Atlântico a oeste, rumando meros “5000 km” em linha reta até o Japão¹⁸ (não se conhecia a América). Desenvolvendo navios especiais (caravelas e naus), portugueses e espanhóis descobriram as Américas e contornaram a África até o Entorno das Índias, à China e ao Japão.

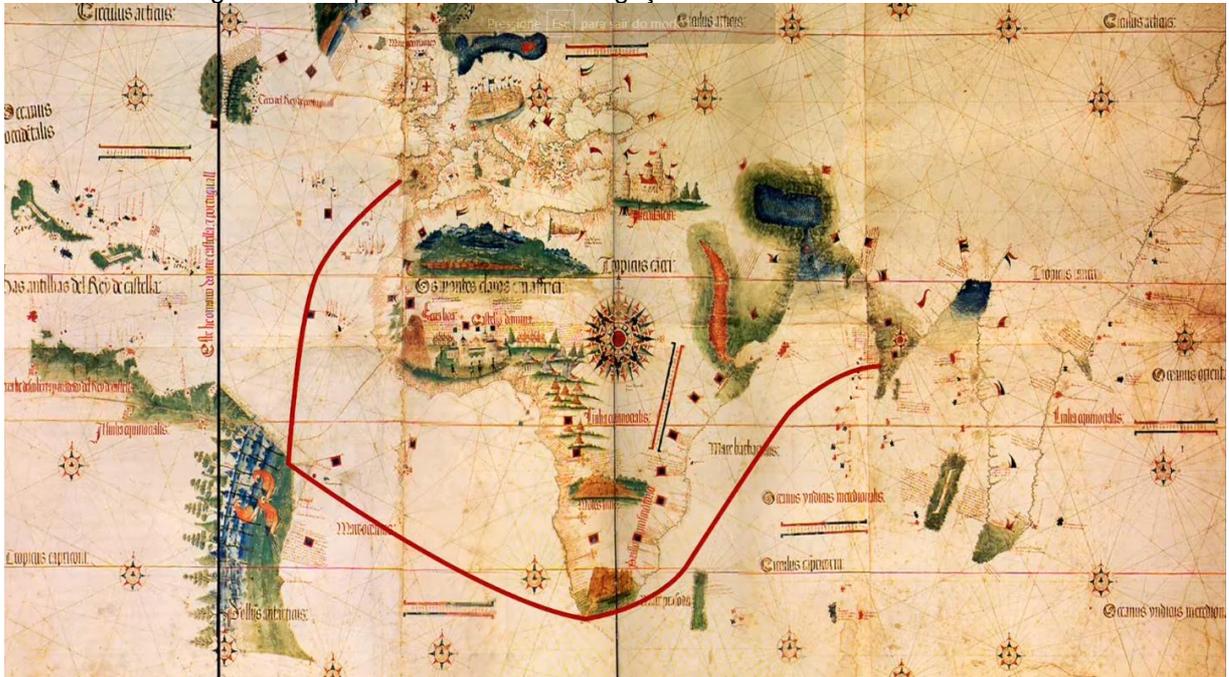
A epopeia lusitana inicia-se em 1415, com a tomada da cidade marroquina de Ceuta, no estreito de Gibraltar, em uma lucrativa rota comercial. Progressivamente, a coroa portuguesa vai explorando, pilhando e capturando pontos estratégicos e de fontes de riqueza no caminho para o sul da África. Através desses pontos estratégicos, também conhecidos como *choke points* (pontos de congestionamento), Portugal exercia seu controle no Índico (REGIANI, 2018, p. 43).

Os progressos navais eram notáveis e rápidos. Nos anos respectivos de 1420, 1428 e 1456, os portugueses chegam às ilhas atlânticas de Madeira, Açores e Cabo Verde. Em 1487, Bartolomeu Dias é o primeiro europeu a ultrapassar o Cabo da Boa Esperança, na atual África do Sul. Em 1497, Vasco da Gama parte de Portugal, e, realizando o périplo africano, chega a Calicute, na Índia. Dois anos depois, Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil (oito anos depois de Cristóvão Colombo haver chegado à América), retornando à África e depois à Ásia, tornando-se “o primeiro homem do mundo a conectar quatro continentes” (CARAVELAS...,

¹⁸ Em vez dos 25000 km em linha reta caso a América não existisse. No entanto, era mais ou menos essa a distância entre Europa e América. Vale lembrar que, nessa época, acreditava-se que o mundo consistia na Eurásia. Se, por um lado, Portugal era o fim do mundo para ocidente, o “país do sol nascente”, o era para o oriente.

2007, 26:30). Pouco depois, a expedição espanhola Magalhães-Elcano (1519-1522), um navio com 18 homens realiza a primeira viagem de circum-navegação global.

Figura 5 – Mapa das Grandes Navegações rumo ao Entorno das Índias



Fonte: CARAVELAS... (2005, 26:34), baseado no planisfério de Cantino (1502). A viagem de Pedro Álvares Cabral em 1500, representada com um tracejado artificial, conecta Europa, América, África e Ásia, e é um prelúdio da globalização. Nota-se a noção rudimentar do Entorno das Índias como geobloqueador do acesso ao império da China e ao Japão, a “fronteira final” da Eurásia.

A tecnologia das naus e caravelas utiliza o mesmo princípio dos moinhos de vento, que, aliás, foram introduzidos pelos árabes na Península Ibérica entre os séculos XII e XIII (AZEVEDO; SERIACOPI, 2007, p. 120). Por volta dessa época, as energias eólica e hidráulica passaram a substituir a força muscular e substituir trabalho por capital. Kaplan lembra-nos que o conhecimento geográfico e climático dos ventos e correntes marinhas da região foi tão importante quanto o domínio tecnológico naval:

Em vez de ‘descobrirem’ a Índia, o que os gregos, romanos e árabes já haviam feito muito antes, os portugueses puseram a Europa de volta em contato íntimo com ela, porque não era tanto a Ásia que da Gama redescobria para a Europa quanto o sistema de ventos que lá o trouxe. (KAPLAN, 2011, p. 53)

Em outras palavras, o meio ambiente foi crucial para a expansão europeia na região. Rumando ao sul, os portugueses deveriam partir em março, aproveitando ventos favoráveis a sudoeste, e partindo da costa africana até a Índia

preferencialmente em junho, para aproveitarem os ventos favoráveis das monções, que sopram a nordeste (CARAVELAS..., 2007, 39:10). Esses ventos levariam Da Gama da África à Índia em 23 dias, na época em que se cruzava o Mediterrâneo em bem mais de dois meses (KAPLAN, 2011, p. 53). Em dezembro ou janeiro, os ventos eram favoráveis à partida da Índia. Enquanto uma nau portuguesa do século XVI demoraria seis meses para chegar à Calicute, uma fragata do século XXI o faria em 20-25 dias (CARAVELAS..., 2007, 43:27). As fortes correntes marítimas sazonais também eram o sustentáculo do enorme fluxo comercial dos portos indianos antes da chegada dos europeus (REGIANI, 2018, p. 41). Era a Índia dos tesouros, palácios e marajás, que tanto fascinava os europeus.

Em 1509, em uma batalha naval decisiva – Diu, na Índia – 17 naus lusitanas recheadas de canhões laterais destroçam mais de 200 navios de guerra muçulmanos, a preço de um punhado de baixas. A coroa portuguesa, a 20.000 km de distância estabelece uma rede de feitorias, com postos fortificados de comunicação e abastecimento em torno da África e da Ásia e em estreitos estratégicos, como Málaca (1511), Ormuz (1515) e Palk (1518) (KAPLAN, 2011, p. 50). O objetivo era assegurar o monopólio português sobre as especiarias do Entorno das Índias, através da hegemonia militar (PANNIKAR, *apud* REGIANI, 2018, p. 43). É o começo do domínio português sobre o oceano Índico.

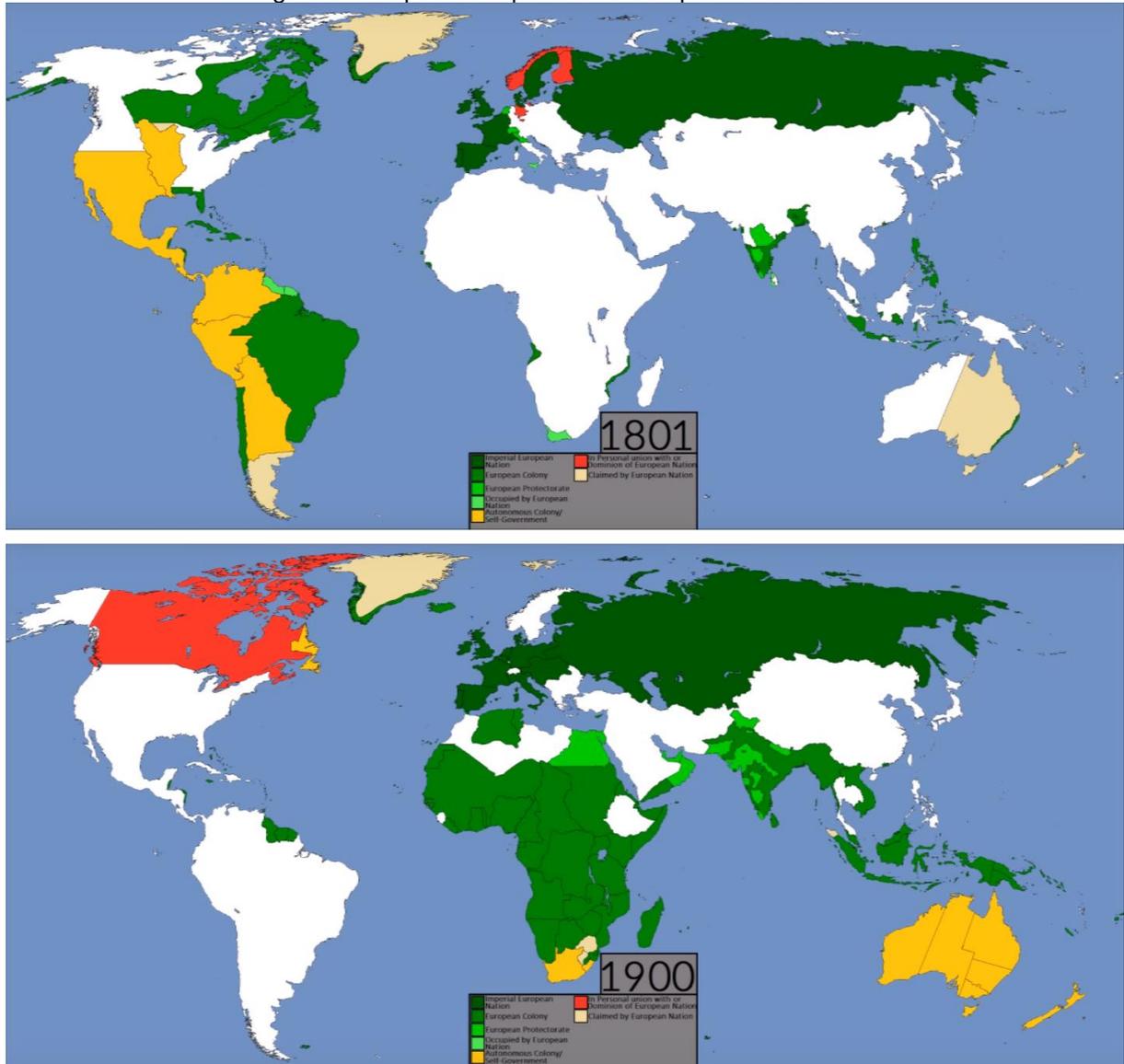
3.2 O IMPÉRIO ONDE O SOL NÃO SE PÕE

O domínio britânico sobre o Entorno das Índias no século XIX sucedeu a hegemonia portuguesa, bem como disputas por domínio entre holandeses e franceses nos séculos anteriores (VÁZQUEZ, 2013, p. 135). Esse período – o século XIX – aprofundou, na Grã-Bretanha, mudanças sociais, econômicas e tecnológicas sem precedentes em todo o mundo. Iniciada no século anterior, a *Revolução Industrial* possibilitou avanços fantásticos na produtividade das manufaturas e na rapidez do transporte. Essas mudanças tecnológicas antecederam o capitalismo, um novo método de produção e de organização econômico-social baseado no lucro e no trabalho assalariado, distinto das estruturas estáticas das antigas sociedades asiáticas (AZEVEDO; SERIACOPI, 2007, p. 334).

A Revolução Industrial beneficiou-se de alta demanda, financiamento, transporte de carga barato, mão-de-obra barata e abundante (proveniente do

movimento de cerceamentos de terras feudais em pasto para criação de ovelhas, que resultou em êxodo rural) e matéria-prima, especialmente carvão mineral necessário para a combustão das indústrias (HISTÓRIA, 1992, p. 57).

Figura 6 – Mapas do imperialismo europeu no século XIX



Fonte: **500 Years of European Colonialism**, 1:53-2:36, por Ollie Bye, publ. 12 jun 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QrNqDfK0uw4>>. Acesso em: 11/09/2018, 21:24. O mapa representa as nações imperiais europeias (verde escuro), as colônias europeias (verde médio), protetorados e ocupações europeias (verde claro), as colônias autogovernadas (amarelo), as reivindicações territoriais (marrom) e os *dominions* ou uniões com países europeus (vermelho). A Índia estava sob domínio britânico, a Indochina sob domínio francês e a Indonésia sob domínio holandês. Nota-se que, depois da independência da América, o Entorno das Índias e a África tornam-se vítimas da cobiça europeia, e que as regiões são colonizadas a partir do mar, pelo litoral.

A explosão na oferta de produtos trouxe a necessidade de escoar a produção nacional através da exportação e, por conseguinte, de buscar matérias e mercados para seus produtos industrializados. Essa necessidade acabou financiando a

expansão territorial dos países europeus através de guerras de conquista. Segundo Huntington:

[...] Na última parte do século XIX, um renovado imperialismo ocidental estendeu o domínio ocidental por quase toda a África, consolidou o controle ocidental no Subcontinente e em outras partes da Ásia e, no início do século XX, submeteu virtualmente todo o Oriente Médio, com exceção da Turquia, ao controle ocidental direto ou indireto. Países europeus ou ex-colônias europeias (nas Américas) controlavam 35 por cento da superfície terrestre do planeta em 1800, 67 por cento em 1878 e 84 por cento em 1914. Ao se chegar a 1920, a porcentagem era ainda maior [...] Em 1800, o Império Britânico, sobre o qual o sol nunca se punha, abrangia 28,5 milhões de quilômetros quadrados e 390 milhões de pessoas. (HUNTINGTON, 2010, p. 72-73).

3.3 IMPERIALISMO AMBIENTAL

Sendo o ambiente físico o campo de batalha das forças armadas, a fonte dos recursos escassos da economia, e os limites políticos entre países, é lógico supor que o espaço esteja intimamente relacionado com os grandes processos históricos. Harald Welzer, por exemplo, relata as mortes por inanição nas guerras com os hereros (1904-1908), na Namíbia colonial. No caso, soldados alemães ocuparam todas as fontes de água do país, causando mortandade em massa. O genocídio foi deliberado; portanto, para termos desse trabalho, as causas foram artificiais, e não naturais (WELZER, 2010, p. 11-12).

Já o marxista Mike Davis trata da influência do meio ambiente para a segurança internacional de uma forma ampla. Para ele, as causas da fome não são lineares ou monocausais, pois há uma *sinergia* entre a fome e as *doenças* por ela causadas ou propiciadas. (DAVIS, 2002, p. 32). Ademais, a própria mudança ambiental, através do aumento de incidentes extremos, pode causar a proliferação de pragas agrícolas e de vetores transmissores de doenças (DALLAS, 2009, p. 30-31). O mesmo pode-se dizer em relação às *baixas temperaturas*, que aceleram o extermínio de multidões famintas sem condições de abrigo e vestimenta adequadas (DAVIS, 2002, p. 65-6). Em suma, a degradação ambiental pode intensificar a desestruturação de uma sociedade.

Além disso, ressalva Davis, cautelosamente, as causas da fome e de desastres humanos nunca são totalmente “naturais”. Em outras palavras, a fome passa a ser definida e contextualizada dentro e a partir de *relações de poder*. (DAVIS, 2002, p. 31) Assim, responsabiliza o capitalismo imperialista e o livre

comércio pelo desastre humanitário que se abateu sobre a China, a Índia e outros países no final do século XIX e início do século XX. Ao inserir essas regiões no mercado global por meio de políticas financeiras brutais em períodos de ocorrência do El Niño (aquecimento anormal das águas do Pacífico), houve mortandade em massa causada pela fome em conjunto com doenças, frio e violência.

O capitalismo implementado à força destruiu as formas tradicionais de organização social asiática, causando desabastecimento e fome em massa. Na China, a automação industrial prejudicava os artesãos, causando queda de salários e desemprego. O poder do dinheiro vivo e as balanças comerciais despencavam (DAVIS, 2002, p. 191-2). Citando Karl Polanyi, Davis (2002, p. 20) relata a destruição da coesão social e das tradicionais e autossustentáveis estruturas econômicas asiáticas (o *modo de produção asiático*) com as aberturas forçadas dos mercados pelas potências imperialistas e com a implementação do sistema de *plantation*:

Em contraste com o sul, as colheitas do norte [...] teriam proporcionado amplas reservas para o déficit de *kharif* [cultura de outono] em 1878. Mas a agricultura de subsistência em muitas regiões [...] havia sido transformada recentemente em um exclusivo setor de exportação, par estabilizar os preços dos grãos britânicos. (DAVIS, 2002, p. 63)

Fenômenos econômicos imprevistos também agravavam calamidades. O efeito do El Niño sobre a segurança alimentar (através de secas e inundações) aprofundou-se com a “pior recessão do século XIX” (DAVIS, 2002, p. 74). Nesse sentido, a implementação do capitalismo na Ásia começou de forma pouco gloriosa.

No entanto, como ressalta Welzer, o processo de modernização econômica e social do século XIX e XX esteve ligado ao extermínio e à limpeza étnica. Nesse sentido, as lições a serem apreendidas do passado devem se dar em forma de alerta. A globalização, com as suas enormes e descontroladas transformações na sociedade, poderia provocar choques que resultariam em uma nova onda de violência em massa. (WELZER, 2010, p. 80).

3.4 CRENÇAS

Relembramos que partimos das hipóteses de que o meio ambiente relaciona-se estreitamente com a subsistência humana, de forma que a privação das

necessidades mínimas conduz a migrações e à violência (roubos, saques, estupros, chacinas, etc). Ao mesmo tempo, as provações sofridas, frequentemente, alteram as crenças da sociedade, fortalecendo o fundamentalismo religioso e o extremismo político. Afinal, como as mudanças ambientais também geram problemas sociais, estas, se graves, podem mudar as crenças coletivas de determinada população ou parcela social. Eventos dessa magnitude, sobretudo quando pandêmicos em âmbito regional, têm importância crucial à segurança internacional. Entre os efeitos mais profundos dos problemas sociais, quando suficientemente intensos, está a mudança da estrutura de crenças dos indivíduos e de sociedades inteiras. As massas populares buscam, em tempos de desespero, uma explicação ou justificativa para o sofrimento extremo.

A narrativa ambiental está presente nos mitos mais antigos da humanidade. Se tomarmos como referência, por exemplo, as crenças abraâmicas, o ser humano nasceu no Paraíso, segundo a vontade de um ser divino, para trabalhar na terra. Este é definido como um “jardim”: não como, digamos, um bosque ou uma cidade, mas como o equilíbrio harmonioso entre a natureza e a ação artificial. Com um ato de rebeldia, o ser humano é expulso do Paraíso para viver na Terra. Assim se explicava a desgraça humana, em que o homem passa a depender da terra – vale dizer, do meio ambiente – para sua subsistência diária, e, por meio da qual imperava a violência e as guerras. É o início do sofrimento agudo, fato onipresente durante a maior parte da história da humanidade, em que multidões pereciam de fome, guerras e doenças e pela qual se esperava (e muitos ainda esperam) que o sofrimento acabe após a morte e no fim dos tempos.¹⁹

E, como bem observa Huntington (2010, p. 155), “as pessoas não vivem apenas em função da razão”. Os sistemas de crenças podem ter tanto origem ideológica quanto cultural/identitária: “Os povos e nações estão tentando responder à pergunta mais elementar que os seres humanos podem encarar: quem somos nós: E estão respondendo a essa pergunta [...] fazendo referência às coisas que mais lhe importam” (HUNTINGTON, 2010, p. 23).

¹⁹ “E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar”. Pouco depois, esbraveja Deus, “maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.” (BÍBLIA ONLINE. Gn 2:15,3:17-19).

Outro exemplo de crenças que podemos utilizar é o clima de paz interna europeia no final do século XIX e início do século XX, do otimismo positivista, cientificista e progressista, representadas pela *Belle Époque*, era dourada da ciência e das artes. O choque advindo da 1ª Guerra Mundial, com a morte de 15 milhões de pessoas (ALMANAQUE ABRIL, 2014, p. 296) e de multidões de inválidos e órfãos. O resultado mais imediato foi a Revolução Russa, que implantou o totalitarismo comunista, e, utilizando os “burgueses” e *kulaks* (entre outros) como bode expiatório, ceifou a vida de outros milhões de pessoas. O marxismo-leninismo surgiu com a promessa inicial de “paz, terra e pão”, e se propunha como alternativa ao horror da guerra, bem como a construção de uma sociedade ideal; objetivo que, acabou por desencadear inúmeras atrocidades. Outra consequência da 1ª Guerra Mundial, sobretudo quando associada ao temor do comunismo russo, uma rendição dúbia e a crise econômica que se sucedeu, foi a atmosfera da República de Weimar, em que o sentimento de injustiça e revanchismo e a demanda por um governo e uma ideologia que impusessem ordem em meio ao caos eram latentes. Em 1933, Hitler chega ao poder na Alemanha e inaugura o seu próprio totalitarismo, desencadeando outra guerra mundial e dezenas de milhões de mortos. O conflito terminou quando a perspectiva de guerra nuclear e de destruição total da espécie humana e do ecossistema se apresentou, após o lançamento de duas bombas atômicas no Japão em 1945.

Embora a histeria coletiva gerada pelo totalitarismo desembocasse em mortandade em massa de pessoas, nem só o furor ideológico serve como pretexto ou justificativa de conflito. Existe uma ampla taxonomia de identidades. No final da Guerra Fria, segundo Huntington, as distinções passaram a ser mais culturais do que ideológicas ou político-econômicas. (HUNTINGTON, 2010, p. 23) Estas são bem representadas pelos conflitos entre europeus e muçulmanos, bem como entre norte-americanos e latinos preditos pelo autor e praticamente onipresentes hodiernamente, dos quais o fenômeno Trump, o Brexit, Bolsonaro e outros são apenas a ponta do *iceberg*.

Esses conflitos se inserem no contexto do Entorno das Índias nos séculos XIX e XXI, uma região de profundo impacto ambiental e de vulnerabilidade social – conflitos de crenças e identidades, superpopulação, pobreza e carência de capital e tecnologia para o desenvolvimento social, tanto no século atual como no século retrasado.

Segundo Davis, os efeitos sociais da fome, canibalismo e morticínio na China, no final do século XIX, recrudesceram com a crença generalizada, entre o povo chinês, de que os desastres ditos naturais poderiam ter sido evitados sem a corrupção ou ineficiência do governo. (DAVIS, 2002, p. 190)

“Em 1917”, escreve Huntington (2010, p. 75-6), “como resultado da Revolução Russa, o conflito de Estados-nações foi substituído pelo conflito de ideologias”. Esse conflito foi intensificado durante a Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética. Posterior aos anos 1990 e, particularmente, 2001, pós-11 de setembro, o conflito de ideologias passa a ser substituído pelo conflito de identidades, ou mesmo civilizacional. Estas antíteses manifestam-se, particularmente, pela *afirmação asiática* e o *ressurgimento islâmico* (HUNTINGTON, 2010, p. 173,177).

A **afirmação asiática** denota o crescimento em riqueza e tecnologia do Japão, dos Tigres Asiáticos, da Índia e, especialmente, da China. Esses países cresceram a taxas elevadas durante décadas, e desenvolveram riqueza, tecnologia e poder militar capazes de fazer frente ao Ocidente. Conforme as civilizações tornam-se mais poderosas materialmente (econômica, científica e militarmente), escreve Huntington, estas passam a justificar a sua superioridade material pela “superioridade” de seus valores transcendentais (cultura, moral, religião). “O aumento do poder traz o aumento da confiança cultural. As pessoas sentem que ‘não precisam mais aguentar isso’.” Dessa forma, o *poder duro* passa a se justificar pelo *poder suave*. (HUNTINGTON, 2010, p. 145,150)

O **ressurgimento islâmico** é outro caso à parte. Essa outrora humilhada e orgulhosa civilização presencia atualmente um crescimento demográfico formidável, além de melhoria nas taxas de alfabetização e qualidade de vida. É um fenômeno que abrange quase todos os países do mundo muçulmano, e que se diferencia do fundamentalismo, mas o engloba, além de abranger uma ampla reforma intelectual nos círculos religiosos e políticos desses países. (HUNTINGTON, 2010, 177-197)

O retorno às identidades tradicionais desenvolve-se, como veremos no próximo capítulo, em um contexto de euforia tecnológica futurista, sendo a crença liberal-humanista o fim da história. A fome, a doença e a guerra estariam com os dias contados e a humanidade caminharia na busca da imortalidade, da superinteligência e na fusão do corpo humano com a máquina. A identidade principal seria apenas o indivíduo e a felicidade e a autossatisfação, o fim da vida. Essa nova

Belle Époque, talvez um interlúdio de outra grande guerra ou choque global, é o palco no qual se manifestarão as contradições da história nesse século XXI.

3.5 SÍNTESE

O Entorno das Índias possui elevada importância geopolítica desde os tempos da Rota da Seda, em que era uma região produtora e exportadora de especiarias. Fenômenos históricos como a descoberta das Américas e a exploração da África e da Ásia pelas potências europeias foram intimamente relacionados com a busca por suas riquezas. Portugal foi o primeiro país europeu a atingir o oceano Índico nos tempos modernos, e conquistou a região com uma rede de entrepostos e guarnições. Esses, posteriormente, perderam-na para Holanda, França e Inglaterra, que subjugarão grande parte do Entorno das Índias durante o século XIX.

Estes fenômenos históricos estão intimamente ligados a fatores geográficos e ambientais. Os portugueses utilizaram a força das correntes atmosféricas e oceânicas, adaptando os seus navios até chegar ao Entorno das Índias. Os ingleses, também hábeis navegadores e, impulsionados pela Revolução Industrial e pela busca de matérias-primas e mercados, conquistaram a Índia, Bangladesh, o Paquistão, Myanmar e Sri Lanka e vários pontos estratégicos a partir do oceano: inicialmente pelo litoral, e posteriormente pelo interior.

Londres manteve seu domínio através da tecnologia, da pauperização dos meios de subsistência e da destruição coesão social dos nativos, bem como através da divisão interna (diferentes crenças²⁰) intimamente relacionada à fome, às dificuldades causadas pelas monções e aos desastres ambientais, especialmente em períodos de fomes ou secas causadas por fenômenos como o El Niño e a La Niña. Em muitos casos a fome, intensificada pelo imperialismo, favoreceu a destruição interna da Índia e a destruição da resistência ao imperialismo, consolidando o poder inglês, em vez de favorecer movimentos extremistas. A problemática das crenças ou identidades é importante na região até hoje, de forma que o progresso industrial e capitalista parece favorecer as mudanças de crenças, manifestas via sentimentos de nacionalismo e identitarismo asiático.

²⁰ Cabe notar que Mahatma Gandhi conseguiu a independência da Índia em 1947 unindo, por um breve período, diferentes crenças para um fim comum, mas logo lutas intestinas separaram a Índia britânica em três países, dividindo hindus e islâmicos, e os conflitos de crenças perduram até hoje.

4 PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

“Ora, que comam brioques”. Maria Antonieta (APÓCRIFO)²¹

“[...]Não havia mais comida para mim mesmo nem para a irmã. E uma noite quente, com ela chorando e pedindo comida, fomos a um poço, mandei que ela se sentasse na beirada e empurrei-a lá dentro, porque, na verdade, ela não enxergava, e é melhor morrer que passar fome. [...] Eu também ia me atirar, mas ela não estava morta e me chamava do fundo do poço; eu fiquei com medo e corri. E alguém saiu das plantações dizendo que eu tinha matado minha irmã e sujado o poço [...]”.

Rudyard Kipling (KIPLING, 2010, p. 157-158)

“[...] Assim que a tecnologia permitir a reengenharia das mentes humanas, o *Homo Sapiens* vai desaparecer, a história humana caminhará para seu fim, e um tipo de processo completamente novo vai surgir, incompreensível para pessoas como você e eu. [...] No século XXI, o terceiro grande projeto da humanidade será adquirir poderes divinos de criação e destruição e elevar o *Homo sapiens* à condição de *Homo deus*”. Yuval Noah Harari (HARARI, 2016, p. 54-55).

4.1 A UTOPIA TECNO-SOCIAL

Por outro lado, não é segredo que o século XXI trouxe uma era de otimismo tecnológico e social desenfreado. Este seria o século dos direitos humanos, das mídias sociais, da expansão da globalização, da redução (ainda maior) das distâncias, da ascensão de novas potências (os *países emergentes*, os BRICS e os NORCs), e de novas tecnologias. Há a expansão do globalismo progressista, com a promessa de um “mundo sem fronteiras”, de consumismo, multiculturalismo e hedonismo moral e sexual, ou seja, o triunfo de identidades transnacionais anti-tradicionais ou pós-modernas, como minorias raciais e sexuais. Para tanto, há a dissolução das identidades e culturas nacionais através de uma cultura e de um meio de vida globais propagandeados pela mídia de massa. Nesse sentido, um dos marcos simbólicos no avanço dos ideais globais é a eleição de Barack Obama (2009-2017) como primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Embora a eleição do empresário antissistema e autofinanciado Donald Trump em 2016 seja o símbolo

²¹ Anedota popular. Para mais informações, ver SELEÇÕES, 2006, p. 80.

mais visível de uma contra-ofensiva da direita nacionalista/conservadora a nível global, o ressurgimento da religião e das identidades tradicionais é visto como pequenos retrocessos históricos a serem corrigidos no futuro.

A digitalização e a intensificação da automação industrial dos anos 1980 se amplificam na forma de uma *nova revolução industrial* ou *Indústria 4.0*²² a partir da virada do século XXI. Nesse sentido, o fundador do Fórum Econômico Mundial (WEF), Klaus Schwab, conjectura três megatendências tecnológicas – física, digital e biológica – inter-relacionados entre si. Para Harari, essas três tendências visarão a “elevação dos humanos à condição de deuses” (HARARI, 2016, p. 52-54). “Num futuro não tão distante”, escreve ele, “poderíamos criar super-humanos capazes de exceder os deuses antigos [...] em suas faculdades corporais e mentais” (HARARI, 2016, p. 56).

A promessa é revolucionária: engenharia genética, inteligência artificial, impressão 3D, Internet das Coisas (*IoT*), veículos autônomos, meios de transporte super-rápidos como o *hyperloop* (trens pressurizados capazes de alcançar até 1200km/h), veículos elétricos ou movidos a hidrogênio, energia renovável, nanotecnologia, novos materiais sintéticos, entre outros. (SCHWAB, 2016, p. 23-33).

No entanto, não devemos perder de vista o contexto maior da divisão norte-sul do mundo: esses dois hemisférios são quase mundos à parte e o século XXI será o resultado de sua interação. Enquanto grande parte da tecnologia de ponta é monopolizada por alguns poucos países ricos e em crise demográfica, o resto do planeta carece de serviços básicos como saneamento, estradas, escolas e mesmo alimentação adequada. A perspectiva pessimista, a distopia ambiental, que veremos a seguir (para termos desse trabalho, ambas versões ideais de interpretação da realidade) pode ignorar a capacidade de adaptação do sistema econômico capitalista e do engenho humano para resolver os problemas do sul global. A utopia techno-social, por sua vez, pode ignorar problemas sérios como a migração em massa de refugiados ambientais do sul global (WELZER, 2010, p. 22) ou no fato inconveniente de que a revolução industrial em curso criará, como demonstram as experiências industriais anteriores, mais problemas do que soluções ambientais. (WELZER, 2010, p. 26).

²² A nomenclatura ainda carece de consenso. Alguns autores falam em uma segunda fase da Terceira Revolução Industrial a partir do século XXI, sendo a 1ª fase da 3ª Revolução Industrial no início dos anos 1980. Outros (ver SCHWAB, 2018, p. 12-13), já falam em uma 4ª Revolução Industrial.

4.2 A DISTOPIA AMBIENTAL

Concomitante à teoria ‘otimista’ do novo século XXI, surge uma visão pessimista. Esta se foca nos aspectos deletérios da destruição do meio ambiente, na favelização global e na submersão do diminuto Primeiro Mundo através do enorme e superpovoado Terceiro Mundo, na proliferação de Estados policiais ou governo mundial, na decomposição dos Estados nacionais através do narcotráfico, do terrorismo, fundamentalismo e do tribalismo, enquanto que uma elite dirigente vive isolada em bairros ricos e murados contra a maré de pobreza crescente, entre muitos outros. O apocalipse tem cavalos de muitas cores.

O tema do esgotamento²³ dos recursos naturais e degradação do meio ambiente ressurgiu em 2005, com a publicação do *best-seller* *Colapso: Como as sociedades escolhem os fracassos ou o sucesso*. O autor, o polímata americano Jared Diamond, compara em seu livro diferentes sociedades extintas e atuais, como *vikings*, australianos e haitianos. Depois, extrai lições práticas para o presente e o futuro, fornecendo uma ampla visão da inter-relação entre ser humano e meio ambiente. Diamond evita lugares-comuns anticapitalistas ou anticonsumistas e considera a complexidade do processo decisório e cognitivo pelas sociedades e seus agentes (indivíduos, ONGs, *lobbies*, empresas, Estados).

O autor busca combater a “destruição suicida e não intencional do meio ambiente pelo ser humano”, definida como **ecocídio** (DIAMOND, 2014, p. 18). Deste autor também extraímos os conceitos de *colapso* e *declínio*:

Como **colapso**, refiro-me a uma drástica redução da população e/ou complexidade política, econômica e social, numa área considerável, durante um longo tempo. O fenômeno do colapso é, portanto, uma forma extrema de diversos tipos mais brandos de **declínio**, e torna-se arbitrário decidir quão drástico deve ser o declínio de uma sociedade antes que se possa qualificá-lo como colapso. (DIAMOND, 2014, p. 17; grifo nosso)

²³ O processo de esgotamento de um recurso natural é sempre um processo complexo. Em primeiro lugar, ele não é um processo dual (em que *há* ou *não há* determinado recurso), mas gradual. Conforme o petróleo fica rarefeito, *ceteris paribus*, o seu preço aumenta e encarece, perde sua função econômica, que é servir de energia *barata*. Isto é, os recursos estão sujeitos às leis da economia (oferta e demanda), bem como à intervenção estatal e à competição inter-estatal. Os recursos naturais também estão sujeitos à tecnologia (que demanda tempo e investimento) e à infraestrutura instalada (que atualmente, privilegia imensamente o petróleo e os plásticos), herdada da Segunda Revolução Industrial. Além disso, os custos de produção dependem da qualidade e facilidade de extração do petróleo. Por exemplo: apesar de tanto a Rússia quanto a Arábia Saudita terem enormes reservas petrolíferas, o petróleo saudita é economicamente imbatível.

Para Diamond, a *globalização* potencializa o nosso poder de transformação tanto para o bem quanto para o mal, podendo gerar o primeiro **colapso global** da humanidade:

Uma grande diferença [dos problemas ambientais antigos vs. os atuais] tem a ver com a **globalização**, que tanto é motivo para pessimismo quanto para otimismo a respeito de nossa habilidade de solucionar os problemas ambientais atuais. A globalização torna impossível às sociedades modernas entrarem em colapso isoladamente, como a ilha de Páscoa ou a Groenlândia Nórdica do passado. Hoje, qualquer sociedade em crise, não importa quão remota - pensem na Somália e no Afeganistão como exemplos -, pode causar problemas para sociedades prósperas de outros continentes, e também estão sujeitas à sua influência (seja para ajudá-la ou para desestabilizá-la). Pela primeira vez na história, enfrentamos o risco de um **colapso global**. Mas também somos os primeiros a desfrutar da oportunidade de aprender com o que ocorre com sociedades em toda parte do mundo atual, bem como com o que ocorreu em sociedades do passado. (DIAMOND, 2014, p. 41; grifo nosso).

Essa preocupação não é em vão. Nas cidades portuárias de Mumbai, Calcutá, Dacca, Ho Chi Minh, Hai Phong e Bangcoc, estima-se que em 2005, 9,2 milhões de pessoas viviam em áreas vulneráveis à elevação dos níveis do mar, furacões e desmoronamentos, pondo em risco, além de suas vidas, US\$162 bilhões de ativos (SMITH, 2011, p. 96 *apud* R. J. Nicholls, OCDE, 2008). O aquecimento global intensificaria o problema, aumentando a velocidade dos ventos e a potência das chuvas, portanto a potência e frequência de tufões e furacões (SMITH, 2011, p. 94). As enormes e importantes cidades em delta, escreve Smith, “enfrentam a ameaça tripla da elevação dos oceanos, do afundamento da terra e do assoreamento dos rios. Sem reposição, a região costeira sofre erosão [...] [agravando as] ondas do mar e as marés meteorológicas [...] (SMITH, 2011, p. 95)”.

Segundo o último relatório da CIA, *Global Trends 2030*, o Oriente Médio e o Sul da Ásia são as regiões do mundo com maior probabilidade de conflito, capazes de transbordar e se tornarem um risco à segurança global. Estes são oriundos principalmente de problemas demográficos e insegurança alimentar e energética, e especialmente no Paquistão e Afeganistão. (NIC, 2012, p. viii-ix). No Afeganistão, a violência interna e a decomposição social, bem como as sucessivas guerras, podem levar à degradação de até 80% do solo nacional. No Vietnã, o legado da intervenção americana, na qual foram amplamente utilizados produtos químicos contra florestas

e campos de cultivo, até hoje traz problemas para a saúde da população e para a produção agrícola vietnamita (WELZER, 2010, p. 103)

Myanmar é acusado de praticar limpeza étnica na província de Rakhine, um terço islâmica, contra a minoria muçulmana *rohingya*. Desde os anos 1990, um milhão de rohingyas imigrou para Bangladesh, onde têm laços étnicos. O país, de maioria budista, considera-os estrangeiros incrustados em seu território, sem direito à cidadania. Abstraídas considerações políticas, o problema tem origem cultural e demográfica, intimamente relacionados, pois muitos birmaneses creem que a elevada natalidade muçulmana os fará maioria no país. Além disso, a superpopulação também desempenha um relevante papel ambiental, pois o país, com 53 milhões de habitantes em 670.000 km², é subdesenvolvido, rural e coberto por florestas, dificultando a subsistência. No caso dos rohingya, de acordo com o Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, os refugiados correm graves riscos na estação monçônica, pois a pluviosidade, “de maio a setembro, aumenta o risco de inundações e deslizamentos de terra”, exigindo realocamentos (UNHCR).

Mais ainda do que mudanças ambientais localizadas, a mudança ambiental em escala global, decorrente da expansão acelerada da industrialização, da explosão populacional e da globalização é um fenômeno bem recente e sua percepção política, mais ainda. O psicólogo social alemão Harald Welzer (2010, p. 165-7), em *Guerras Climáticas*, cita, baseando-se no sociólogo britânico Michael Mann, nada menos que 72 conflitos recentes de origem ambiental:

[A] **Indonésia** não será capaz de impedir os movimentos pela autonomia de Aceh e de Papua Ocidental; a **Índia** tampouco conseguirá assimilar ou subjugar os muçulmanos de Caxemira, do mesmo modo que algumas pequenas populações nas fronteiras do subcontinente; o **Sri Lanka** não terá condições de assimilar os tâmis e nem poderá subjugar-los; muito menos a Macedônia conseguirá subjugar os **albaneses**, nem a Turquia, o Irã e o Iraque suas **minorias curdas**, nem a China os **tibetanos** ou os muçulmanos da Ásia Central, nem a Rússia os **tchetchenos**, nem o regime de Cartum poderá submeter os movimentos de independência dos sudaneses meridionais. E, naturalmente, Israel não conseguirá abafar as diversas facções **palestinas**, nem agora, nem a longo prazo'. [MANN, 2007 *apud* WELZER, 2010, p. 164-165; grifo nosso]²⁴ Também no **Báltico** podemos esperar diversos conflitos, porque aqui, além dos extremos agravantes ambientais sobre as regiões industriais, vivem numerosos russos étnicos.

²⁴ MANN, Michael. *Die dunkle Seite der Demokratie*. Eine Theorie der ethnischen Säuberung [O lado obscuro da Democracia: Teoria da Limpeza Étnica]. Hamburgo: Hamburger Edition, 2007, p. 772.

[CARIUS; TÄNZLER; WINTERSTEIN, 2007 *apud* WELZER, 2010, p. 165; grifo nosso]²⁵.

As maiores catástrofes sociais são, evidentemente, os genocídios e mortes em massa. “[O]s casos recentes [de genocídio e a limpeza étnica] da Turquia, da Alemanha, do Camboja, da China, da Iugoslávia, de Ruanda e de Darfur” (WELZER, 2010, p. 35) são exemplos recentes de soluções extremas para o que é visto como “problemas extremos”, no qual um suposto mal menor justificaria outro mal. Esses conflitos são amplificados pelo problema ambiental, que atinge enormes proporções: atualmente existem dezenas de milhões de refugiados ambientais, ou “migrantes ambientais” (GREENPEACE, 2017, p. 12). Em suma, Welzer argumenta que o futuro do mundo será profundamente marcado pelas mudanças ambientais e estas levarão a conflitos e catástrofes sociais de conseqüências imprevisíveis e potencialmente letais, a não ser que providências de grande escala sejam tomadas a curto e a médio prazos.

4.3 O NORTE–SUL AMBIENTAL: UM NOVO NORTE–SUL?

Por muito tempo, o formato da Terra, bem como dos oceanos, era desconhecido. Geralmente, cada civilização considerava-se a si mesma como o centro do mundo e a seu entorno como o mundo conhecido. Os antigos imprimiam em seus mapas noções astronômicas, cosmológicas e mitológicas que refletiam a cultura desse povo e a influência dos seus vizinhos imediatos (MAGNOLI; ARAUJO, 2004, p. 304). É a época das civilizações tributárias, encerradas em um regionalismo e segregadas do mundo exterior por formidáveis barreiras geográficas, como oceanos, desertos e montanhas.

Nos séculos posteriores, a tecnologia das grandes navegações e o aproveitamento das correntes marítimas e oceânicas possibilitaria o colonialismo e projetaria o continente europeu como o centro do mundo, atingindo domínio avassalador sobre outras civilizações (HUNTINGTON, 2010, p. 72). É a primeira vez que todos os continentes são conectados, é a primeira “globalização”. Por volta dessa época, o planeta já havia sido mapeado, e após pouco tempo havia claramente uma divisão, ainda que nem sempre consciente, entre as sociedades

²⁵ CARIUS, Alexander; TÄNZLER, Dennis; WINTERSTEIN, Judith. *Weltkarte von Umweltkonflikten – Ansatz zu einer Typologisierung* [Cartografia mundial dos conflitos ambientais – Tentativa para a classificação de uma Tipologia]. Potsdam, 2007, p. 10.

avançadas, ricas e dinâmicas do norte (Estados Unidos, Rússia e, especialmente, Europa)²⁶ e as sociedades tradicionais, pobres e estagnadas do sul global.

Após duas turbulentas guerras mundiais (1914-1945) no coração do norte, nos quais Estados Unidos e Rússia ultrapassaram a Europa militarmente, a Guerra Fria (1947-1991) propagou a divisão horizontal do mundo, isto é, leste-oeste. Nesse contexto, a despeito de algumas exceções – os *países não-alinhados* ou *Terceiro Mundo*²⁷, o choque de ideologias (capitalismo vs. comunismo) parecia fornecer uma explicação adequada para o lugar de cada país no mundo. É um mundo herdeiro de uma guerra de dezenas de milhões de mortos e que pensava rumar ao maior de todos os ecocídios (bem como o maior de todos os genocídios) – a guerra nuclear – e, assim, à própria extinção humana.

Eis que a queda da União Soviética e a hegemonia americana restauram a divisão vertical (norte–sul) do mundo, entre os países “desenvolvidos” e os países “subdesenvolvidos” ou “em desenvolvimento”. É a época do otimismo triunfalista liberal, do globalismo e da popularização de sistemas como o *Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)*, visando medir a qualidade de vida de forma universal. Enquanto cientistas políticos como Francis Fukuyama previam o “fim da história” e a vitória definitiva do capitalismo liberal, outros, como Samuel Huntington, alertaram para o ressurgimento da influência política da religião, da nacionalidade e de outras identidades tradicionais.

Alguns previam que o século da Europa e América do Norte estava ao fim, ou que, pelo menos, os países do sul global aumentariam o seu poder econômico relativo ao Ocidente. É o nascimento dos **BRICS** (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), países em desenvolvimento acelerado com possibilidades (críveis) de se tornarem países desenvolvidos nas próximas décadas. Excetuando-se a Rússia, todas essas nações pertencem ao sul global, e apenas a China tem mantido taxas de crescimento realmente fortes. Além dos BRICS, tem-se os **tigres asiáticos**. Enquanto os “*velhos*” *tigres asiáticos* compreendem Hong Kong, Taiwan, Coreia do Sul, Cingapura, os *novos tigres asiáticos* compreendem Indonésia, Malásia, Filipinas, Tailândia, Vietnã.

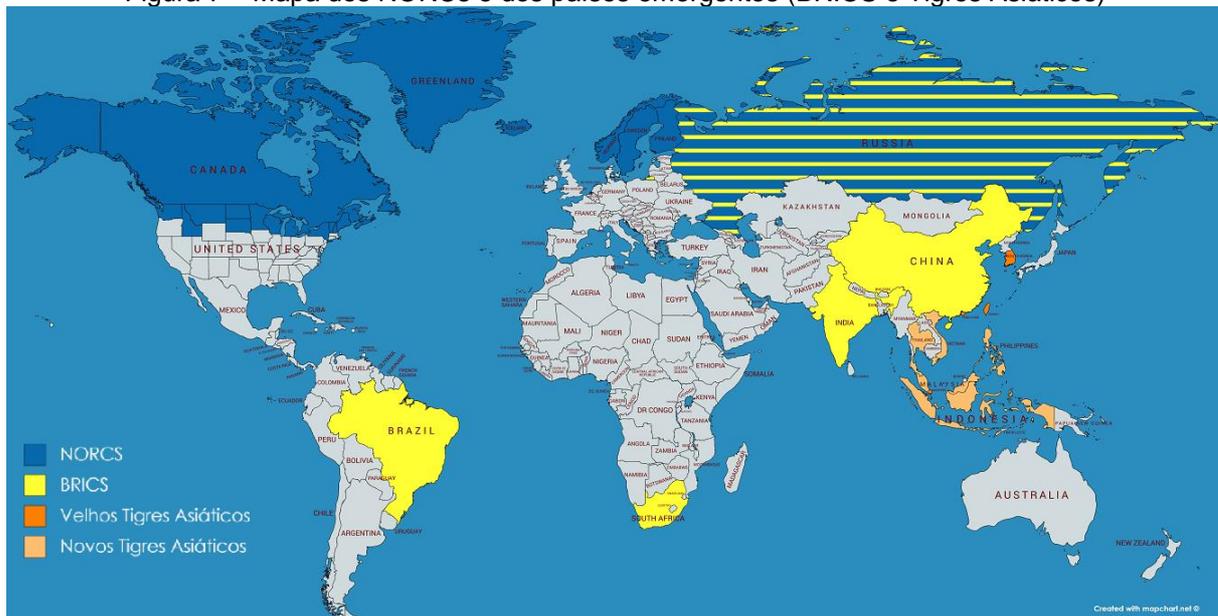
²⁶ Com exceção da Austrália, do Canadá e do Japão.

²⁷ “Algumas” exceções que embarcavam na verdade, quase toda a América Latina, a África e o Entorno das Índias. A África e grande parte da Ásia entravam, no entanto, em processo de descolonização, em oposição ao domínio do norte europeu.

Ora, os BRICS fazem parte de uma nova dinâmica norte–sul no sentido econômico estrito. Ambientalmente, é notável o desgaste do enorme capital natural do Brasil, da China, da Índia e da Indonésia (através da poluição aérea, desmatamento, degradação dos rios e do solo, etc) via transferência de externalidades negativas de empresas estrangeiras para o meio ambiente desses países.

Uma perspectiva alternativa na dinâmica norte–sul é, ao invés da estagnação ou decadência econômica do norte global, o colapso ambiental do sul global. Enquanto o aquecimento global tornaria as terras meridionais excessivamente instáveis ou mesmo inabitáveis, países como Rússia e Canadá abririam novas possibilidades de colonização, extração e plantio. Dessa forma, as oportunidades ocultas estariam não no sul, mas no norte. O contraposto dos BRICS e dos tigres asiáticos seria os países conhecidos como “Novo Norte” ou “NORCs”.

Figura 7 – Mapa dos NORCs e dos países emergentes (BRICS e Tigres Asiáticos)



Fonte: Elaborado pelo autor (2018) com base em Smith (2011, p. 6, 258). Criado com mapchart.net© e editado. Nota-se que a Rússia pertence tanto aos NORCs como aos BRICS. Os estados americanos caracterizados como NORCs são Alaska, Washington, Idaho, Montana, North Dakota, South Dakota, Minnesota, Wisconsin, Michigan, New York, Vermont, New Hampshire e Maine.

Os **NORCs** (*Northern Rim Countries*), também chamados de *Países do Anel Setentrional* foram propostos pelo estudioso americano Laurence C. Smith em 2010. Para ele, as áreas terrestres e oceânicas acima da latitude 45°N dos seguintes países – Estados Unidos, Canadá, Rússia, Groenlândia (Dinamarca), Islândia, Noruega, Suécia e Finlândia (SMITH, 2011, p. 6), em grande medida, se

beneficiarão do aquecimento global²⁸, pois as mudanças climáticas amenizarão as temperaturas, facilitando o povoamento, o acesso a novos recursos naturais e tornando solos agricultáveis. Essas vantagens ajudarão no desenvolvimento do norte e tornarão os NORCs atraentes para imigrantes, que poderão ser positivos ao desenvolvimento desses países (SMITH, 2011, p. 163-166). Existe mesmo a perspectiva de se abrir duas passagens estivais para navios no oceano Ártico (conectando EUA, Europa e Rússia ao Leste da Ásia a uma distância muito menor do que a atual): é a *Passagem do Noroeste*, pelo Canadá, e a *Rota do Mar no Norte*, pela Rússia (SMITH, 2011, p. 131-4). Essa possibilidade não passa despercebida para alguns países dos BRICS: em 10 de setembro de 2018, a China lançou o seu primeiro navio quebra-gelos ártico de fabricação nacional. Esse é um passo importante para os chineses defenderem seus interesses na região (RUSSIA TODAY, 2018).

Para Smith, até 2050, quatro forças globais – demografia, crescente demanda de recursos, globalização e a mudança climática (um fator extra é a tecnologia) – poderão formar uma nova configuração geopolítica mundial baseada nos NORCs. (SMITH, 2011, p. 21). Não que a divisão “Leste-Oeste” ou “Oriente-Occidente”²⁹ vá se extinguir, muito pelo contrário. Desde o fim da Guerra Fria, a divisão do mundo está se tornando menos político-ideológica e mais cultural, com o ressurgimento das identidades étnico-religiosas e a polarização política (HUNTINGTON, 2010, p. 201-204). Geograficamente, essas grandes unidades culturais correspondem às civilizações, as unidades mais amplas de identidade e de cultura que os seres humanos possuem entre si (HUNTINGTON, 2010, p. 58) Nesse sentido, o Entorno das Índias possui inúmeros pontos de contato entre diferentes civilizações (pelo menos 12 terrestres, 4 marítimos próximos e 3 internos – isto é, países fendidos).

Concomitantemente, é possível que os países meridionais tornar-se-ão - ainda mais - subdesenvolvidos, superaquecidos, superpovoados, com carência de água (muita da qual hoje é exportada via comércio de água virtual) e com boa parte de sua natureza (solos agrícolas, florestas, desertos) superexplorada, aprofundando as assimetrias globais (WELZER, 2010, p. 55-62). Isso significaria um reforço da

²⁸ Para Jared Diamond, o aquecimento global é apenas *parte* da mudança ambiental (de origem humana) do mundo atual, e devemos fugir de explicações monocausais de nossos problemas ecológicos. Ver: “Jared Diamond - Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed” <<https://bit.ly/2J52Xdh>>. (a partir de 59:10).

²⁹ Na verdade, “a unidade do não Ocidente e a dicotomia Leste-Oeste são mitos criados pelo Ocidente”. Seria mais próprio designar o “Ocidente e o resto” (Ver HUNTINGTON, 2010, p. 41).

divisão internacional do trabalho entre Norte X Sul, e um novo desafio aos países do Sul, especialmente os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

4.4 SÍNTESE

É notável o papel das divisões norte-sul no mundo durante o século XXI. Se o cenário do *norte-sul ambiental* se concretizar, o sul global tornar-se-á mais aquecido, especialmente China, Brasil, Índia e tigres asiáticos e acabará por declinar ou mesmo entrar em colapso. Nesse ínterim, os países árticos, ou NORCs, beneficiar-se-ão de mais terra arável, de novos recursos minerais e energéticos, de um clima mais ameno e de novas oportunidades econômicas.

Por outro lado, se o cenário do *norte-sul econômico* se mantiver, o norte global continuará declinando em poder relativo, podendo ser suplantado pelos países do sul global, os BRICS (exceto Rússia) e os tigres asiáticos. Talvez as o desenvolvimento científico desse século possa reverter os danos ambientais causados pelas antigas e poluentes tecnologias da 2ª Revolução Industrial por alternativas mais limpas.

5 CONCLUSÃO

O meio ambiente foi fundamental para a subsistência das civilizações antigas. A força das correntes oceânicas (como as monções) e atmosféricas possibilitou a Portugal (bem como, futuramente, a outras potências europeias) através das grandes viagens ultramarinas dos séculos XV e XVI, conquistas militares a dezenas de milhares de quilômetros de distância em múltiplos países, atingindo hegemonia sobre o oceano Índico. O mar permitiu aos portugueses a captura de uma cadeia de pontos estratégicos, enquanto colonizavam três continentes e rumavam ao Entorno das Índias e suas especiarias.

Tomamos como nossa primeira hipótese que *as mudanças ambientais geraram historicamente uma atmosfera de insegurança nas sociedades, causando corrosão social, migrações e violência interna, guerras e até a própria extinção de determinadas sociedades*. Essa hipótese foi parcialmente corroborada. Excetuando-se a parte de que as mudanças ambientais geram guerras, onde as evidências são mais ambíguas e indicam que a manutenção das elites (sejam nacionais ou conquistadores estrangeiros) sobre seus subalternos, como forma de controle social através do desmembramento social e econômico, é a regra verificada. A degradação ambiental *per se*, ainda que de grandes proporções, não gera guerra se não combinada com outros fatores políticos, econômicos e sociais determinados. As conquistas britânicas se manifestaram mais das desuniões internas no Hindustão, em um momento de fragilidade ecológica, do que através da influência direta do meio ambiente. A extinção completa de determinadas sociedades foi corroborada, devido a casos como o da Ilha da Páscoa ou da Groenlândia nórdica³⁰, embora pareça fora de questão. A literatura consultada sugere que a fome de origem ambiental destrói uma sociedade internamente e solidifica o domínio dos governantes, sejam eles conquistadores ou nativos, sob sua própria população, impedindo a resistência.

A segunda hipótese, de que *mudanças ambientais, erodindo a organização social asiática no século XIX, favoreceram a penetração britânica no Entorno das*

³⁰ Embora seja um fenômeno raro em tempos modernos (isto é, nos nossos marcos temporais, séculos XIX e XXI). Foi incluída pelo fato de a primeira das três hipóteses ser universal e generalizante e não abordar os marcos temporais, como a segunda (século XIX) e terceira hipóteses (século XXI). Talvez o colapso, da forma proposta por Diamond (2014) seja um fenômeno que necessite de mais de um século para se manifestar.

Índias foi corroborada. Essa penetração deu-se de forma indireta, tornando vulnerável as capacidades de defesa dos países. Problemas ambientais também afetaram significativamente a segurança do Entorno das Índias durante o período do imperialismo europeu, no século XIX. Como demonstra a experiência da Índia Britânica, bem como a de países adjacentes, as potências europeias aproveitaram-se da vulnerabilidade climática, do conflito de identidades, da pobreza, da fome, da quebra da autossuficiente economia tradicional asiática, bem como da demolição da infraestrutura nacional para manter a supremacia na região, enfraquecendo a resistência nativa. Nessa época, os europeus conquistaram grande parte dos eixos terrestre Cabul-Díli e marítimo Malé-Manila e obtiveram matérias-primas e mercado para suas manufaturas no contexto da Revolução Industrial.

Através da terceira e última hipótese, de que à luz do ocorrido no século XIX, espera-se que no século XXI, mudanças ambientais também impliquem em mudanças securitárias, chegamos a dois cenários potenciais. Tendo em vista as turbulentas transformações sociais e políticas contemporâneas, espera-se que no século XXI, as mudanças ambientais irão se manifestar em conflitos de identidade e de pobreza. A dúvida é se estes terão a intensidade de reordenar a própria estrutura da geopolítica global (como propõem alguns autores) e as formas específicas que surgiriam no processo. É possível que a atual divisão Norte-Sul em termos de desenvolvimento econômico e social (favorecendo o setentrião) pode ser substituída por uma nova ordem global. O cenário do *Norte-Sul ambiental*, abrindo novas terras cultiváveis e novos recursos minerais, energéticos e humanos, favorece os países árticos (especialmente os NORCs), podendo reordenar o mundo, em termos ambientais. Neste caso, haveria um norte fortalecido, a despeito das investidas de um sul colapsado por mudanças climáticas e degradação ambiental. Outro cenário possível é o surgimento do (novo) *Norte-Sul econômico*, em que os desastres ambientais estão controlados (ou são exportados para o norte, reduzindo as diferenças relativas inter-hemisféricas), de forma que os Estados são divididos em termos de riqueza e desenvolvimento, porém dominados pelas potências emergentes do sul, como China, Índia e Brasil.

Como visto, o meio ambiente possui uma importância considerável para o destino da humanidade no passado, e os caminhos a se seguir estão em aberto. O Entorno das Índias, centro de muitos conflitos dos séculos passados, é parte dessa história e pode ser um cenário importante na nova geopolítica mundial, bem como

ser obstruído por mudanças climáticas globais e perder importância para os novos países árticos. Nesse sentido, o peso populacional e social dos desastres ambientais do Entorno das Índias e do sul global provavelmente afetará os países setentrionais, e o desfecho de tal conflito poderá ser central para decidir os rumos da história nesse século XXI. Espera-se que a humanidade possa crescer e tomar direções sábias para se orientar e viver no novo norte-sul e ache o seu “norte”, independente da direção.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Eleanor. **Competition in the Indian Ocean**. Council of Foreign Relations. [S.l.], 2016. Disponível em: <<https://on.cfr.org/2MYTvKF>>. Acesso em: 06 jul. 2018.
- ALBERT, Eleanor. **Water Clouds on the Tibetan Plateau**. Council of Foreign Relations. [S.l.], 2016. Disponível em: <<https://on.cfr.org/2vMUHMY>>. Acesso em: 06 jul. 2018.
- ALMANAQUE ABRIL 2014**. São Paulo: Abril, 2013.
- AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. **Fundamentos da Biologia Moderna**. Volume Único. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARAÚJO, Ernesto. **Sequestrar e Perverter**. Blog Metapolítica 17. 2018. Disponível em: <<https://www.metapoliticabrasil.com/blog/sequestrar-e-perverter>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História**. Volume Único. Gislane & Reinaldo. São Paulo: Ática, 2007.
- BÍBLIA ONLINE**. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>>. Acesso em: 17 out. 2018.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa/Estratégia Nacional de Defesa (PND/END)**. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2KXOf9v>>. Acesso em: 07 jul. 2018.
- CARAVELAS e Naus: um Choque Tecnológico no século XVI**. Direção: António José de Almeida. Guião e jornalista: Anabela Almeida. Lisboa: Panavideo Produções, 2007. (47min40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7xUEZt0_osc>. Acesso em: 03 nov. 2018.
- CARIUS, Alexander; TÄNZLER, Dennis; WINTERSTEIN, Judith. **Weltkarte Von Umweltkonflikten** – Ansatz zu einer Typologisierung [Cartografia mundial dos conflitos ambientais – Tentativa para a classificação de uma Tipologia]. Potsdam, 2007.
- CIA (Central Intelligence Agency). **Global Water Security**. ICA (Intelligence Community Assessment): [S.l.], 2012.
- DALLAS, Nick. **Como Tornar sua Empresa Ecologicamente Responsável: 24 Lições para Superar os Desafios do Aquecimento Global**. Exame Você S/A, Coleção Desenvolvimento Profissional nº.15. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- DAVIS, Mike. **Holocaustos Coloniais: Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DIAMOND, Jared. **Colapso**: Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

DIAMOND, Jared. **Collapse**: How Societies Choose to Fail or Survive. London: Penguin, 2006.

DIAMOND, Jared. **Collapse**: How Societies Choose to Fail or Succeed. 04 ago. 2017. (1h15min41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KYegWOTFqGI>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

DUARTE, Paulo. **A Nova Rota da Seda**: A Convergência da Terra e do Mar na (Re)emergência da China. [S.l.], 2016. In: <<http://www.anrs.pt/documentation/OrienteOcidentePauloDuarte.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

EPA (United States Environmental Protection Agency). **Flooding**. In: <<https://www.epa.gov/natural-disasters/flooding>>. [S.l.]. Acesso em: 13 nov. 2018.

EPA (United States Environmental Protection Agency). **Drought**. In: <<https://www.epa.gov/natural-disasters/drought>>, [S.l.]. Acesso em: 13 nov. 2018.

EVANS, Graham; NEWNHAM, Jeffrey. **The Penguin Dictionary of International Relations**. England: Penguin, 1998.

GERKE, Solvay; EVERS, Hans-Dieter. **The Strategic Importance of the Straits of Malacca**. [S.l.], 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2J6iutr>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

GREENPEACE. **Climate Change, Migration, and Displacement**: The Underestimated Disaster. Hamburg: Universität Hamburg, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2ueTZEJ>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

HARARI, Yuval N. **Homo Deus**: Uma breve história do amanhã. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

HISTÓRIA em Revista: **A Era da Calamidade** (1300-1400). Rio de Janeiro: Abril, 1991a.

HISTÓRIA em Revista. **Viagens de Descobrimento** (1400-1500). Rio de Janeiro: Abril, 1991b.

HISTÓRIA em Revista: **A Força da Iniciativa** (1800-1850). Rio de Janeiro: Abril, 1992.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações** e a Recomposição da Ordem Mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. ISBN: 978-85-390-0074-6.

KAPLAN, Robert D. **Monsoon**: The Indian Ocean and the Future of American Power. New York: Random House Trade Paperback, 2011. Random House Trade Paperback Edition.

KINDER, Ivica. **Strategic Implications of the Possible Construction of the Thai Canal**. [S.I.], Croatian International Relations Review: 2007.

KIPLING, Rudyard. **O Homem Que Queria Ser Rei e outras Histórias**. São Paulo: Abril, 2010.

LIVEMINT. **India among nations most affected by landslides due to human activities: study**. [S.I.], 2018. Por Srishti Choudhary. Publ.: 24 Aug. 2018.

Disponível em:

<<https://www.livemint.com/Politics/vJOn6G5QmwK4EMTevhBiUL/India-among-nations-most-affected-by-landslides-due-to-human.html>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

LONGO Século de Hobsbawm, O. Revista Continente, ago/2017, ed.200. Por Marcelo Abreu. 01 ago. 2017. In:

<<https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/200/o-longo-seculo-de-hobsbawm>>. Acesso: 14 nov. 2018.

MAGNOLI, Demétrio; ARAUJO, Regina. **Projeto de Ensino de Geografia: Natureza, Tecnologia, Sociedades – Geografia Geral**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

MANN, Michael. **Die dunkle Seite der Demokratie**. Eine Theorie der ethnischen Säuberung [O lado obscuro da Democracia: Teoria da Limpeza Étnica]. Hamburgo: Hamburger Edition, 2007.

NIC (National Intelligence Council). **Global Trends 2030: Alternative Worlds**. Versão eletrônica: 2012. Disponível em:

<<https://globaltrends2030.files.wordpress.com/2012/11/global-trends-2030-november2012.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

ONU (Organização das Nações Unidas). **Human Development Report 1994**. PNUD (Programa para as Nações Unidas para o Desenvolvimento). New York: Oxford University Press: 1994.

REGIANI, Rafael. **Oceanopolítica da Índia: Uma Peregrinação ao Mar**. R. Esc. de Guerra Naval v.24, n.1, p. 39-66. jan/abr: Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://independent.academia.edu/RafaelRegiani?fbclid=IwAR2273fvuBYH6OGyPpVeMzK03IIAo0zxQ8dSAIENeTyrqmFYHehYafynUZI>>

RUSSIA TODAY. **‘Snow Dragon’: China launches first domestically built Arctic icebreaker**. Publ.: 10/09/2018, 12:00. Edit: 11 Sept. 2018, 12:21. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/438056-china-first-arctic-icebreaker/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. 2018. São Paulo: Edipro, 2016.

SELEÇÕES do Reader’s Digest. **A Verdade por Trás da História: As novas revelações que estão mudando nossa visão do passado**. Rio de Janeiro: Reader’s Digest, 2006.

SMITH, Laurence C. **O Mundo em 2050**: Como a Demografia, a Demanda de Recursos Naturais, a Globalização, a Mudança Ambiental e a Tecnologia Moldarão o Futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SPUTNIK MUNDO. **La peor crisis del agua frena la economía de la India**. Disponível em: <<https://bit.ly/2tBtFnS>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

THE MAN Who Would Be King. com Sean Connery. Diretor: John Huston. Produção: John Huston (roteiro), Gladys Hill (roteiro), baseado na obra de Rudyard Kipling. UK, 1975.

THE ECONOMIST. **Poverty in Asia**. 2014. Disponível em: <<https://econ.st/2u3pyCg>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

UNHCR (Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, ACNUR). **Rohingya Emergency**. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/rohingya-emergency.html>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

U.S. Energy Information. **World Oil Transit Choke points**. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2vnip0W>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

VAN EVERA, Stephen. **Guide to Methods for Students of Political Science: Métodos y Recursos**. Ithaca: Cornell University, 1997.

VÁZQUEZ, Daniel Day. **A Rota da Seda, o Colar de Pérolas e a competição pelo Índico (Parte 1/3)**. 2013. Revista de Geopolítica, v. 4, nº 2, p. 155-195, jul/dez 2013. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/download/92/91>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

VIDAL, John. Q&A: **Rainforests**: Why are rainforests so important and why are they under threat? John Vidal explains. The Guardian. 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2ND176L>>.

WALKER, Philip. **The World's Most Dangerous Borders**. Foreign Policy. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2N30FOi>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

WELZER, Harald. **Guerras Ambientais**: Por Que Mataremos e Seremos Mortos no Século XXI. São Paulo: Geração Editorial, 2010.

GLOSSÁRIO

Aquecimento Global: “aumento médio da temperatura da atmosfera próxima à superfície da Terra, que também pode ocorrer por causas naturais ou pelas ações do homem” (DALLAS, 2009, p. 8) O aquecimento global em si, nota Dallas (2009, p. 8), abrange apenas o aumento da temperatura, enquanto as mudanças climáticas significam o aumento de múltiplas variáveis. *Stricto sensu*, consideramos o aquecimento global como a soma dos efeitos do *aquecimento global natural* com os efeitos do *aquecimento global antropogênico*. → ver *aquecimento global natural*; *aquecimento global antropogênico*; *mudanças climáticas*.

Aquecimento Global Natural: a parcela do aquecimento global de origem natural ou não-humana. Uma hipótese cética atribui a elevação das temperaturas globais a mudanças nos ciclos solares (manchas solares).

Aquecimento Global Antropogênico/Antrópico: a parcela do aquecimento global de origem humana ou artificial. Frequentemente, é mencionado apenas como “aquecimento global”. A emissão de CO₂ pela queima (combustão) de combustíveis fósseis (como petróleo e carvão mineral) é uma das causas mais conhecidas de interferência humana no meio ambiente, aumentando os níveis de gases de efeito estufa na atmosfera.

Catástrofes ambientais: Formas extremas de *problemas ambientais*, gerando grande destruição de infraestrutura e grande perda de vidas humanas. Só existem em locais habitados por seres humanos ou quando afetam seres humanos. Caso contrário, são apenas *fenômenos da natureza*. → ver *problemas ambientais*

Choque de civilizações: “o choque das civilizações é o conflito tribal numa escala mundial” (HUNTINGTON, 2010, p. 348) → ver *civilizações*

Civilizações: as civilizações são “a[s] entidade[s] cultura[is] mais ampla[s]”. Existe uma diferença entre “a civilização”, no singular (em oposição ao barbarismo) e “as civilizações”, no plural (entidades culturais). (HUNTINGTON, 2010, p. 54-55,60). Para Huntington, existem provavelmente oito principais civilizações – sínica, japonesa, hindu, islâmica, ortodoxa, ocidental, latino-americana e africana. → ver *choque de civilizações*

Colapso: “drástica redução da população e/ou complexidade política, econômica e social, numa área considerável, durante um longo tempo. [...] [F]orma extrema de diversos tipos mais brandos de *declínio*, e torna-se arbitrário decidir quão drástico deve ser o declínio de uma sociedade antes que se possa qualificá-lo como colapso” (DIAMOND, 2014, p. 17). O exemplo clássico é o fim do Império Romano Ocidental. O século XXI já testemunhou vários colapsos, como Somália e Ruanda. (DIAMOND 2014, p. 41) → ver *declínio*

Colapso global: é o colapso em escala global, oriundo do fato de que a globalização conecta as sociedades, permitindo o transbordamento de problemas ambientais e sociais para países ambientalmente seguros em todo o mundo. (DIAMOND, 2014, p. 41).

Conservacionismo: defende a conservação do meio ambiente através da administração ambiental cuidadosa visando minimizar os impactos à subsistência humana e ao meio ambiente. (MAGNOLI; ARAUJO, 2004, p. 64). → ver *preservacionismo*

Declínio: redução lenta e gradual da complexidade política, econômica e social de uma sociedade (ROVARIS, 2018; baseado em Diamond, 2014, p. 17). “[É] arbitrário decidir quão drástico deve ser o *declínio* de uma sociedade antes que se possa qualificá-lo como *colapso*.” (DIAMOND, 2014, p. 17) → ver *colapso*

Degelo do permafrost: é derretimento do solo permanentemente congelado, cujas temperaturas estão subindo O permafrost podendo suportar construções, contanto que não derreta, o que causa desmoronamento de prédios e afundamento de ferrovias, estradas, gasodutos e outras estruturas. (SMITH, 2011, p. 137-138) → ver *permafrost*

Ecocídio: “a destruição suicida e não intencional do meio ambiente pelo ser humano” (DIAMOND, 2014, p. 18). A destruição do meio ambiente, no passado, destruiu as sociedades que dele dependiam. No entanto, estas eram sociedades isoladas ou com contato limitado com o exterior, como a Ilha da Páscoa. O processo de globalização atual, segundo Diamond, estima-se que o colapso de uma sociedade ou país é impossível sem afetar as outras sociedades. Daí se subentende um efeito em cadeia que traria a possibilidade de um ‘colapso mundial’.

Ecologia: “ramo da Biologia que se dedica ao estudo das interações entre os seres vivos e o ambiente onde vivem” (AMABIS; MARTHO, 2006)

Efeito Estufa: fenômeno natural que ajuda o planeta Terra a reter calor do Sol e, por conseguinte, a sustentar a vida. O aumento artificial dos gases do efeito estufa na atmosfera causa o fenômeno do aquecimento global antropogênico → ver *gases de efeito estufa; aquecimento global antropogênico*

Entorno das Índias: conceito criado para fins desse trabalho, a fim de incluir todos os países do Sul da Ásia e do Sudeste da Ásia, incluindo as Ilhas Maldivas, o Afeganistão e as Ilhas Christmas (Keeling) e Cocos, pertencentes politicamente à Austrália (mas não a Austrália). Trata-se de uma região voltada para o Índico a partir de uma perspectiva europeia, mas também brasileira.

Gases de efeito estufa: gases da atmosfera que ajudam o planeta Terra a reter calor do Sol, como o CO₂ (dióxido de carbono ou gás carbônico), o CH₄ (metano), o N₂O (óxido nitroso), o H₂O_(v) (vapor d’água) e o O₃ (ozônio). → ver *efeito estufa*

Meio Ambiente: é o ambiente que circunda os seres vivos, incluindo os seres humanos, e os afeta física, química e biologicamente. Inclui o solo, ar, água, clima, temperatura, umidade, a própria fauna e flora, etc. Para fins desse trabalho, o meio ambiente também inclui o *meio natural*, transformado pelo homem, que pode apresentar problemas ambientais naturais e/ou artificiais como tufões, maremotos, deslizamentos, enchentes, poluição, etc.

Mudanças Ambientais: alterações no meio ambiente, podendo ser tanto de origem natural quanto antropogênica, e podendo ser tanto negativas (como um terremoto

matando milhões de pessoas) quanto positivas (como a recuperação natural de uma floresta desmatada); conceito criado para fins deste trabalho, a fim de abranger as mudanças climáticas e catástrofes naturais ou antropogênicas em um período de curto, médio ou longo prazo. As mudanças ambientais não se confundem com as mudanças na paisagem – isto é – *mudanças no meio natural* devido à transformação do espaço para fins econômicos, habitacionais, etc.

Mudanças Climáticas: “qualquer alteração substancial nas medições do clima (temperatura, precipitação, vento ou outras variáveis) que dura por um período longo (uma década ou mais) [...]”. (DALLAS, 2009, p. 7-8) Pode ser um fenômeno natural ou antropogênico (oriundo da ação humana).

Permafrost: o solo permanentemente congelado. → ver *derretimento do permafrost*.

Poluição: “contaminação, degradação e eventual destruição de partes vitais do meio ambiente do planeta” (EVANS; NEWNHAM, 1998, p. 441)

Preservacionismo: de acordo com Magnoli; Araujo. (2004, p. 64), o preservacionismo defende a preservação radical do meio ambiente selvagem em áreas intocáveis pelo ser humano. → ver *conservacionismo*.

Problemas ambientais: destruição da paisagem, por vezes, com perdas humanas, relacionados ao meio ambiente. São causados pela falta de planejamento público, acidentes ou pela inépcia de indivíduos (deslizamentos de terra, inundações, eutrofização de rios, poluição), além de casos de guerra física, química ou biológica (uso de armas incendiárias no Vietnã). Só surgem em locais habitados e transformados pela ação humana, uma vez que, intocados pelo ser humano, fazem parte do meio ambiente e da paisagem, que nem renas, tênias ou corujas. → ver *catástrofes ambientais*

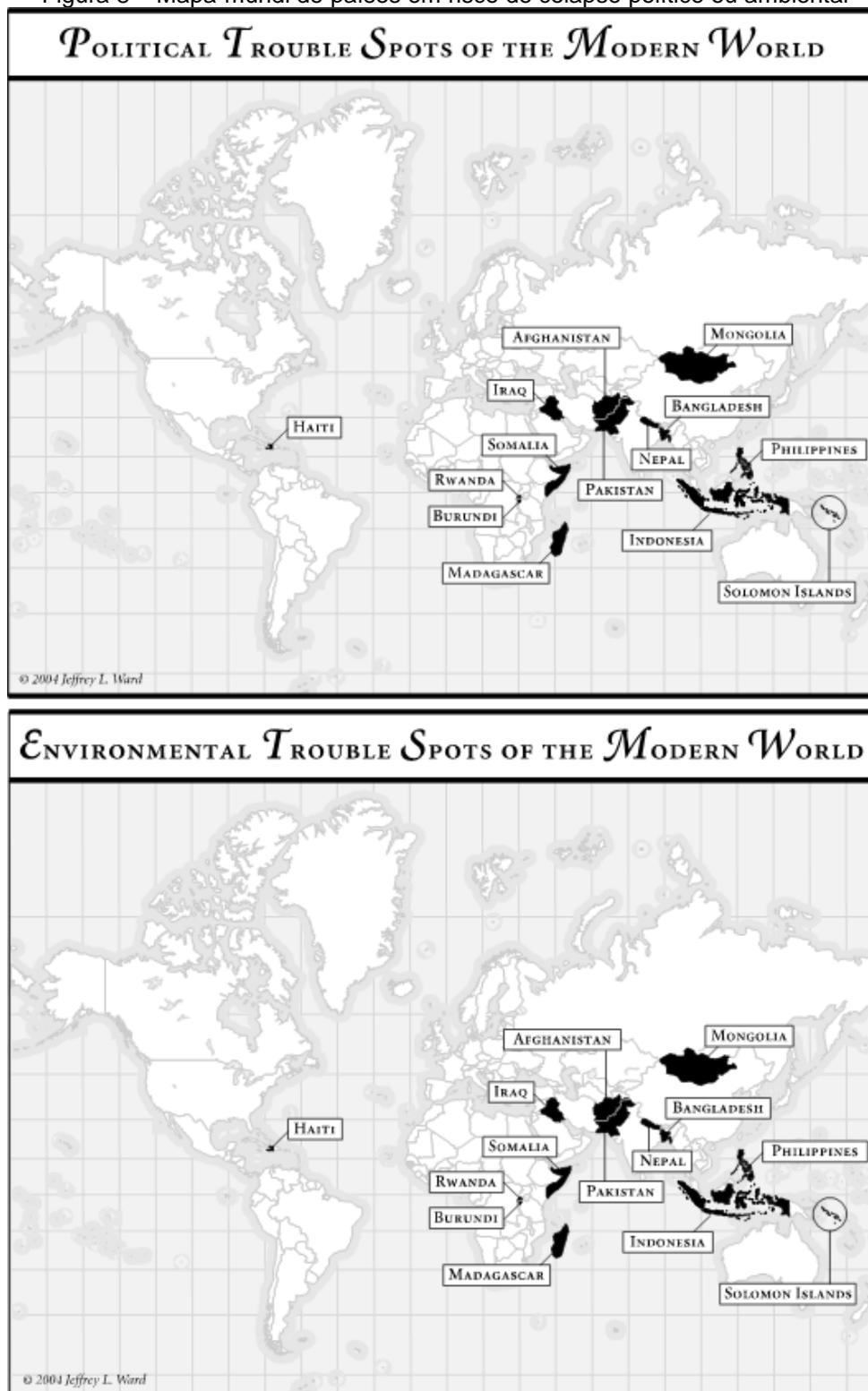
Segurança: a ausência de coerção direta (guerra), bem como a ausência de condições que podem vir a propiciar a coerção (criminalidade, pobreza, extremismo, decomposição social). Para fins desse trabalho, o primeiro aspecto é a *segurança nacional* (a nível do Estado) e o segundo aspecto é a *segurança humana* (a nível da sociedade e indivíduos).

Segurança nacional: capacidade dos Estados para autodefesa por meios militares contra agressão externa.

Segurança humana: capacidade dos Estados e das sociedades de fornecer condições estruturais de bem-estar social que possam vir a conter a escalada da violência interna em seu estágio embrionário; aqui utilizamos a classificação do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD) de 1994, que subdivide a segurança humana em sete áreas: segurança econômica, segurança alimentar, segurança da saúde, segurança ambiental, segurança pessoal, segurança comunitária e segurança política.

ANEXO A – MAPA-MÚNDI DE PAÍSES EM RISCO DE COLAPSO POLÍTICO OU AMBIENTAL

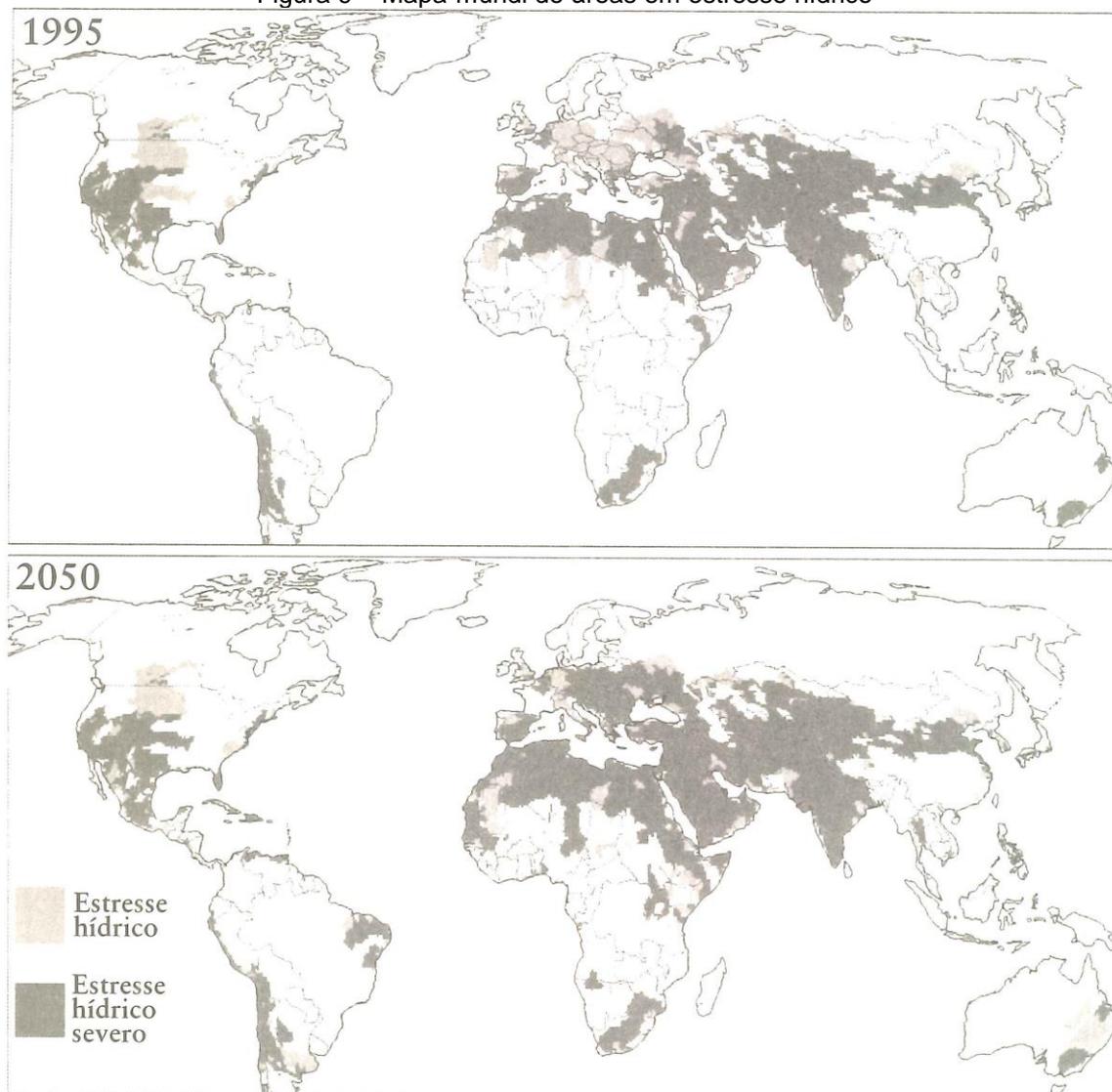
Figura 8 – Mapa-múndi de países em risco de colapso político ou ambiental



“Foco de Problemas Políticos no Mundo Moderno” vs. “Foco de Problemas Ambientais no Mundo Moderno” Fonte: © 2004 Jeffrey Ward *apud* Diamond, 2006, p. 497.

ANEXO B – MAPA-MÚNDI DE ÁREAS EM ESTRESSE HÍDRICO

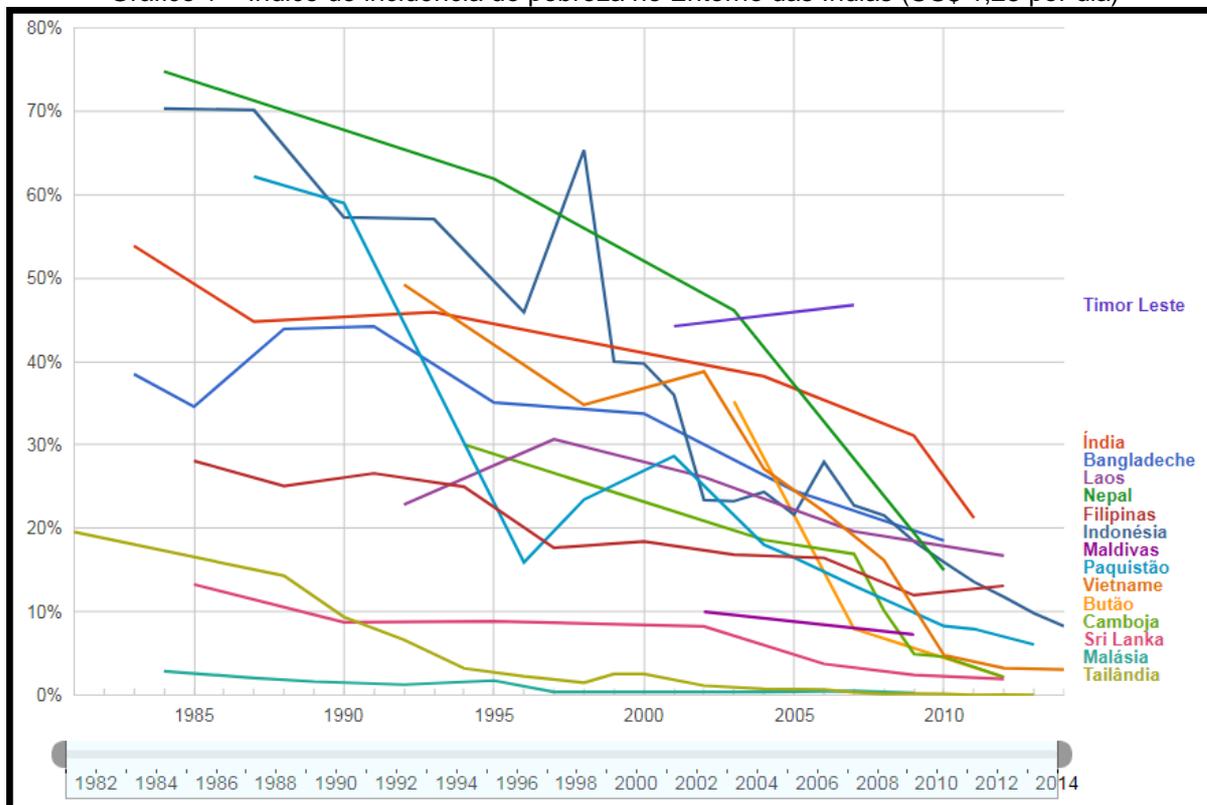
Figura 9 – Mapa-múndi de áreas em estresse hídrico



Fonte: Smith, 2011, p. 98. Lamentamos a baixa qualidade da resolução. “Os dados são cortesia de Joseph Alcamo e Martina Flörke, Center for Environmental Systems Research, University of Kassel.”

ANEXO C – ÍNDICE DE INCIDÊNCIA DE PROBREZA NO ENTORNO DAS ÍNDIAS

Gráfico 1 – Índice de incidência de pobreza no Entorno das Índias (US\$ 1,25 por dia)



Fonte: Elaborado pelo autor (2018) com base em dados do Banco Mundial. Criado com Google Public Data Explorer 2014©. Disponível em: <<https://bit.ly/2KRiwtW>>. Acesso em: 01/07/2018, 15:58. Note-se a ausência de dados de quatro dos 19 países da região e de alguns períodos.